

CAPÍTULO 2

TEORIA, PESQUISA E PRÁTICA: O USO POLICIAL DA FORÇA LETAL

Neste capítulo, as teorias em torno do uso policial de força letal são discutidas e revisadas com o corpo de evidências empíricas que foram acumuladas. Este capítulo, então, considera a prática do uso de força letal pela polícia, incluindo opções menos letais disponíveis para os policiais no Canadá e nos EUA.

Teorias Sociológicas

A maior parte das pesquisas empíricas em torno do uso policial de força letal baseia-se na premissa de que o comportamento policial é influenciado pela dinâmica social dos encontros entre policiais e públicos. Essa linha de investigação direcionou um enfoque analítico sobre as características estruturais das situações em que a polícia e o público interagem. Essas características estruturais incluem idade, raça, classe social, gênero, atitude, sobriedade e comportamento dos indivíduos; a gravidade da infração, o número de policiais presentes e o caráter da comunidade em que ocorre o encontro. É dentro desse arcabouço teórico que esses “fatores situacionais” servem como pistas para influenciar e direcionar os policiais a formar julgamentos sobre como reagir a uma dada situação (Alpert e Fridell, 1992; Geller e Scott, 1992; Worden, 1996).

Devido à natureza de suas funções, os policiais normalmente estarão reagindo a encontros violentos, muitas vezes logo após sua chegada a uma situação. Como resultado, a pesquisa frequentemente se concentra nas teorias relacionadas de violência e vitimologia na tentativa de compreender os fatores situacionais que os policiais enfrentam (Geller e Scott, 1992; MacDonald et al., 2001; White, 2001). Essas teorias serão discutidas em detalhes neste capítulo.

Teorias Psicológicas

Uma segunda abordagem para compreender o comportamento policial é a partir de uma perspectiva psicológica. Essa perspectiva enfoca os traços de personalidade individuais dos policiais que, presumivelmente, produzirão respostas diferentes a situações semelhantes por parte de policiais diferentes. As diferenças de comportamento também podem ser atribuídas a fatores que incluem gênero, idade, raça, tempo de serviço policial e nível de educação do policial. Essas características influenciarão e direcionarão a atitude de um indivíduo.

Worden (1996) observa que uma análise do tempo de serviço dos policiais indica que os policiais menos experientes são mais ativos na medida em que patrulham suas áreas designadas de forma mais agressiva. Como resultado, esses policiais menos experientes normalmente iniciarão mais contatos com o público, são mais propensos a fazer prisões e são mais propensos a usar força letal (Alpert e Fridell, 1992).

Teorias Organizacionais

Outra abordagem para entender o comportamento policial é em relação às características das organizações nas quais o policial trabalha. Essa teoria destaca as propriedades organizacionais que influenciam e direcionam o comportamento policial, incluindo o uso de força letal pela polícia. As políticas organizacionais que estabelecem limites claros sobre o uso de armas de fogo da polícia e fornecem análises operacionais claras do uso de força letal têm demonstrado reduzir os tiroteios policiais (White, 2001; Alpert e MacDonald, 2001).

Isso é especialmente verdadeiro naqueles casos que são considerados tiroteios discricionários ou “eletivos” (Worden, 1996). Nesses casos, o policial, ou um membro do público, não está enfrentando uma ameaça letal iminente, permitindo que o policial considere as diretrizes organizacionais. No entanto, White (2001) acrescenta que as políticas organizacionais formais em torno da força letal podem ser superadas pelas filosofias pessoais e políticas do Chefe e que o impacto da política é limitado a encontros eletivos.

Teorias da Violência

A literatura de pesquisa também descreve três teorias concorrentes para explicar as mudanças nos padrões de violência extrema (como homicídio) entre membros da comunidade, ao longo do tempo e da geografia. Essas teorias adotam uma abordagem integrada em que se presume que uma combinação de fatores sociais e psicológicos faz com que as pessoas cometam crimes violentos (Geller e Scott, 1992; MacDonald et al., 2001; White, 2001; White, 2002; Best e Quigley, 2003). Ao explicar, até certo ponto, os níveis variáveis de violência contra a polícia, também pode ser possível explicar as variações na natureza dos tiroteios policiais.

Uma das teorias explicativas da violência mais amplamente citadas é o conceito de "subcultura da violência" criado por Wolfgang e Ferracuti (1967). A posição é que, dentro de diferentes comunidades, existem “subculturas com um conjunto de valores que apoiam e encorajam o uso aberto da força nas relações interpessoais e nas interações de grupo”. Esses autores argumentam ainda que esse sistema normativo subcultural está localizado na classe social mais baixa da sociedade (Wolfgang e Ferracuti, 1967:11). Ao completar sua hipótese, sete proposições principais de sua teoria são enfatizadas:

1. Nenhuma subcultura pode ser totalmente diferente ou estar em conflito com a sociedade da qual faz parte.
2. Estabelecer a existência de uma subcultura da violência não requer que os atores que compartilham esse elemento de valor básico expressem violência em todas as situações.
3. O recurso potencial ou a vontade de recorrer à violência em uma variedade de situações enfatiza a natureza penetrante e difusora desse tema cultural.

4. O *ethos* subcultural da violência pode ser compartilhado por todas as idades em uma subsociedade, mas esse *ethos* é mais proeminente em uma faixa etária limitada que vai do final da adolescência à meia-idade.

5. A contra-norma é a não violência.

6. O desenvolvimento de atitudes favoráveis e o uso de violência nesta subcultura envolvem comportamento aprendido e um processo de aprendizagem diferencial, associação ou identificação.

7. O uso de violência em uma subcultura não é necessariamente visto como conduta ilícita e, portanto, os usuários não precisam lidar com sentimento de culpa por sua agressão. (Wolfgang e Ferracuti, 1967:314)

Os autores qualificam sua hipótese fazendo uma distinção entre crimes violentos "idiopáticos" e "prescritos normativos". Indivíduos que pertencem à classe social média ou alta e, mais importante, sofrem de alguma psicopatologia importante, geralmente cometem crimes violentos idiopáticos. Crimes normativamente violentos são aqueles que geralmente são cometidos por indivíduos das classes mais baixas e que são membros de uma subcultura da violência (Hannon, 2004). Wolfgang e Ferracuti estimam que menos de 10% dos crimes violentos cometidos são de natureza idiopática. A grande maioria dos crimes violentos cometidos são por aqueles indivíduos dentro do escopo de sua teoria da subcultura da violência (Wolfgang e Ferracuti, 1967: 140-141).

A hipótese de Wolfgang e Ferracuti pode oferecer alguma explicação para as frequências de tiroteios policiais e localizações geográficas. Dentro da teoria da subcultura da violência, pode-se presumir que indivíduos predispostos a atividades criminosas violentas entrarão em contato com a polícia com mais frequência. Em combinação com o maior grau de contato, sua disposição para a violência provavelmente servirá para precipitar as ações de um policial, resultando em maior frequência de força letal.

Além da teoria da subcultura da violência, Geller e Scott (1992) observam que a teoria "estrutural" afirma a influência de "forças sociais em larga escala, como falta de oportunidade, racismo institucional, pobreza persistente, transições demográficas e densidade populacional, combinando para determinar as taxas de homicídio. Essas forças operam independentemente da cognição humana e não requerem aprendizagem individual para explicar seu impacto." Dentro deste quadro, MacDonald et al. (2001) esboçam a "teoria da percepção de perigo", argumentando que os policiais são mais propensos a usar força letal durante situações em que encontram maiores níveis de violência, ou quando percebem que sua situação é perigosa. A este respeito, o exame de Fyfe (1986) de homicídio criminal na cidade de Nova York revelou que uma alta taxa de homicídio criminoso em uma área também experimentaria uma alta taxa de uso de força letal pela polícia. Fyfe observou que existe uma alta correlação entre o uso policial de força letal e ameaças à polícia e à segurança pública em geral.

Violência Interacional

A terceira teoria proeminente usada para explicar a violência extrema é a teoria interacional. A teoria interacional enfoca o “caráter das relações” entre os atores envolvidos. É a composição dessas relações que pode resultar em homicídio. O homicídio é visto como resultado do próprio processo de interação. As ações de um participante precipitam os atos de outro (por exemplo, policial), em última análise, escalando o conflito até que ocorra o homicídio (Wolfgang, 1957; Goffman, 1967; Gelles, 1972; Hepburn, 1973; Luckenbill, 1977, Hannon, 2004).

Argumenta-se que atos de violência não são ocorrências aleatórias. O comportamento violento é construído dentro de uma situação, envolvendo duas ou mais pessoas, por meio de um processo de interação. É no conceito de “homicídio precipitado pela vítima” que essa teoria se materializa. Marvin Wolfgang (1957) afirma:

O papel da vítima é caracterizado por ter sido a primeira na dramatização do homicídio a usar a força física dirigida contra seu assassino. Os casos precipitados pela vítima são aqueles em que a vítima foi a primeira a mostrar e usar uma arma letal, a desferir um golpe numa disputa - em suma, a primeira a iniciar a interação ou a recorrer à violência física. (Wolfgang, 1957: 45)

Hepburn (1973) prossegue afirmando que existem pelo menos cinco fatores interdependentes que são essenciais para desencadear o início da violência. Adotando a teoria de Wolfgang e Ferracuti, Hepburn argumenta que o primeiro desses fatores é a norma generalizada de violência conhecida como a subcultura da violência. O uso da violência é considerado uma solução legítima e aceitável para a situação ameaçadora. Hepburn (1973) afirma:

Uma norma generalizada de violência dentro de segmentos da população toleraria seu uso como uma solução disponível, de curto prazo e aceitável para a solução ameaçadora. Isso não significa que uma resposta violenta ocorrerá apenas dentro dessa subcultura; em vez disso, uma resposta violenta como um mecanismo de resolução de problemas e redução de ameaças é mais provável de ocorrer dentro de tal estrutura normativa. (Hepburn, 1973: 424)

O segundo fator no início da violência é a experiência. A experiência anterior de um infrator, em situações semelhantes, é um fator importante. Um indivíduo que teve sucesso com a violência no passado provavelmente a considerará uma alternativa viável para a situação presente. Não se trata apenas de sucesso anterior com a violência, mas sim de sucesso anterior em situações semelhantes.

Em terceiro lugar, os entorpecentes, especialmente o álcool, estão presentes em mais da metade dos encontros que terminam em violência (Wolfgang e Ferracuti, 1967). Hepburn observa que um dos principais efeitos dos intoxicantes é a redução do nível de habilidades cognitivas. O indivíduo, que percebe uma ameaça e está sob a influência de um tóxico, terá uma capacidade reduzida para táticas viáveis de redução de ameaças. Incapaz de retaliar com verbalização, a pessoa intoxicada pode recorrer a alguma outra técnica para estabelecer sua identidade e salvar sua aparência.

O quarto fator encontrado no início da violência é a presença de uma audiência. O apoio aberto e/ou encoberto de espectadores à interação influenciará o comportamento violento. Ao decidir como reagir à ameaça percebida, o indivíduo pode se sentir responsável pelas expectativas de espectadores ou pessoas que estão presentes. Sua presença pode influenciar as alternativas percebidas e o grau de comprometimento com o nível de ação a ser realizado. O uso da violência é mais provável de ocorrer quando o indivíduo acredita que a violência também é percebida pelo público como uma alternativa aceitável e disponível.

O último fator observado por Hepburn no início da violência é o custo do fracasso. Aqueles que percebem a necessidade de uma retaliação bem-sucedida, mas cujos métodos verbais e não físicos são insuficientes, recorrerão à violência.

O custo de qualquer coisa que não seja a vitória é maior para aqueles que estão tentando manter as poucas identidades positivamente valorizadas que possuem ... O indivíduo de menor *status* socioeconômico deve preservar suas poucas identidades positivas a todo custo e esforços violentos para salvar as aparências. são apoiados por normas subculturais. (Hepburn, 1973: 426)

Luckenbill (1982) aponta que a forma mais severa de violência, o assassinato, assume uma forma sequencial. Em sua análise de setenta casos de homicídio, notou-se que em todos os casos a morte foi o culminar de um intercâmbio entre o agressor e o "alvo" (vítima). A transação da violência ocorreria de forma sequencial. O alvo agiria de maneira que o agressor considerasse ofensiva. Em resposta, o agressor normalmente retaliaria com um desafio verbal ou físico. Esses eventos estabeleceriam um acordo "de trabalho" favorecendo o uso da violência. Uma batalha ocorreria, deixando o alvo morto ou morrendo (Luckenbill, 1982: 161-166).

Ao aplicar a teoria de Luckenbill ao uso policial de força letal, o policial normalmente assumiria o papel de alvo. Um policial que comparece à cena de um crime ou tenta intervir em uma situação de violência frequentemente assume o papel de alvo ou "indivíduo ofensivo". Uma pessoa que comete um crime ou um ato questionável imediatamente identifica o policial como uma ameaça ao seu objetivo. Torna-se aparente tanto para o alvo (policial) quanto para o agressor (indivíduo) que os participantes desse processo de interação favorecem resultados opostos com base em seus diferentes interesses. O policial respondente, se autorizado a cumprir seu papel, não apenas encerrará o progresso do infrator em direção ao seu objetivo, mas também provavelmente responsabilizará o infrator por suas ações. Em muitos casos, essa responsabilidade, em um tribunal, será equivalente a consequências que incluem punição ou prisão.

Como resultado, surge uma situação que serve para gerar hostilidade resultando em um conflito violento. É nesse quadro que o agressor retalia, sendo o uso da violência definido como um meio adequado para a resolução do confronto (Hannon, 2004). Em vez de se render ou obedecer às solicitações do policial, é o agressor que dita o uso da violência. As ações ou inação do ofensor determinarão, em última instância, o nível de força exigido pelo policial. Caso o agressor opte por

usar força letal potencial ou lesão corporal grave, contra o policial ou outro indivíduo, então a polícia deve responder apropriadamente à ameaça percebida.

É nesses casos extremos que uma batalha acontecerá, normalmente deixando o alvo morto ou morrendo e o ofensor vitorioso. No entanto, na grande maioria dos casos envolvendo policiais, o resultado da interação se inverte, com o agressor sendo morto a tiros ou morrendo. A reversão do resultado pode ser amplamente atribuída às capacidades do policial que é treinado e equipado para desdobrar força letal dentro de parâmetros estritos. No entanto, se o ofensor tivesse sido desafiado por um indivíduo não treinado e não equipado, com uma batalha decorrendo, é muito provável que o ofensor teria triunfado durante o encontro, deixando o alvo interveniente morto ou morrendo. Por exemplo, se um segurança desarmado ou um cidadão interessado intervir durante um assalto à mão armada, é muito provável que ele(a) seja baleado e morto pelo agressor (indivíduo).

Infelizmente, também há casos em que policiais treinados e equipados não respondem adequadamente a um agressor violento. Nessas interações, o agressor sai vitorioso, matando ou ferindo um policial no desempenho de suas funções. Tragicamente, o policial estaria vivo se não tivesse se envolvido ou interagido com o agressor. No entanto, a ocupação de um policial exige que o indivíduo entre em situações das quais a maioria das pessoas sairia. Em decorrência dessa situação precária, a ocupação de policial continua sendo uma das poucas profissões em que um indivíduo pode morrer ou se ferir, por ato de agressão social.

A teoria de Luckenbill enfatiza que o homicídio criminoso é tipicamente uma interação ligada à situação e que, com exceção dos policiais, o "alvo" é tipicamente o perdedor durante o confronto violento (Luckenbill, 1977: 176-186). Também é importante que essas interações vinculadas à situação entrem em conflito que normalmente não é planejado. Assim, o uso de força letal pela polícia pode ser apresentado como uma interação não planejada de acordo com a situação que é precipitada e ditada pelo agressor assim que ele ou ela é confrontado pela polícia. Na aplicação do modelo de violência de Luckenbill, há estágios específicos que ocorrem no desenvolvimento do uso de força letal pela polícia:

Ofensa Pessoal

O atendimento e a identificação de um indivíduo como policial, por uniforme ou não, dá início ao processo de interação. A mera presença do(s) policial(is) faz com que o agressor se ofenda. O agressor pode considerar ofensiva a presença de autoridades estaduais, pois elas sinalizam o fim de suas atividades ilegais e a real consequência da punição. No caso de um indivíduo psicótico ou perturbado, a presença do policial pode interagir com delírios ou desespero suicida, fazendo com que a violência aumente. Independentemente disso, o agressor interpreta o contato do alvo (policial) como sendo pessoalmente ofensivo.

Em muitos casos, o policial é intencionalmente ofensivo, confrontando o agressor com a intenção explícita de afetar sua prisão. No entanto, em muitos outros casos, especialmente quando se trata de pessoas que são suicidas, a ofensa é

cometida involuntariamente. No entanto, é o agressor que inicialmente interpreta o contato do policial como sendo ofensivo.

Avaliação

O agressor interpreta as ações do policial como pessoalmente ofensivas. Na maioria dos casos, o policial é intencionalmente ofensivo, pois tem o dever de prevenir o crime e prender todos os criminosos. Luckenbill enfatiza que é esse processo de avaliação, conduzido pelo infrator, que terá consequências importantes. Durante este estágio do processo de interação, o ofensor deve raciocinar sobre qual ação tomar para resolver o conflito que surgiu.

Retaliação

O agressor pode administrar a afronta do alvo de várias maneiras: desculpar o alvo (cumprir as exigências ou solicitações da polícia); sair de cena ou evitar contato adicional com o alvo (fugir da polícia sem uso de força ou ameaças de violência); ou retaliar usando força potencialmente letal ou lesões corporais graves. Luckenbill observa que os infratores que adotam este último curso de ação criarão tipicamente uma transação que culminará em assassinato (Luckenbill, 1977: 163). Na retaliação, o ofensor expressa raiva e desprezo pelo alvo. Na maioria dos casos, o agressor retalia com um desafio verbal ou físico. Em alguns casos, o agressor mata imediatamente o alvo (policial). Alternativamente, o agressor pode atacar fisicamente o alvo, mas sem causar morte ou ferimentos graves. Ao retaliar de forma não letal, o agressor revela, ao alvo, uma definição da situação como aquela em que a violência é adequada para resolver o processo de interação.

Acordo de Trabalho

Exceto nos casos em que o alvo (policial) foi morto, as ações anteriores do agressor colocaram o alvo em uma situação precária. O alvo deve enfrentar o desafio do agressor ou fugir da cena. No caso dos policiais, eles são recrutados, treinados e pagos para lidar com situações adversas. A sociedade espera que o policial entre em situações que a maioria das pessoas evitaria. Portanto, a opção de fugir raramente é uma opção viável para os policiais. Eles devem enfrentar o desafio do ofensor e, com efeito, entrar em "acordo de trabalho" ditando que a situação é adequada para violência. O alvo (policial) pode retaliar fisicamente contra o agressor usando várias opções de força que não têm força letal. Essas ações, por parte do público-alvo, podem servir para contribuir para o agravamento da violência durante o processo de interação.

Luckenbill observa que a presença de uma audiência ou espectadores também pode servir para encorajar a violência durante o processo de acordo de trabalho. Em alguns casos, os membros da audiência podem encorajar ativamente a violência. Em outros casos, os espectadores são neutros, nem encorajando nem desencorajando o confronto (Luckenbill, 1977: 164-165). Finalmente, a presença de transeuntes pode fazer com que a situação se agrave, pois eles podem se tornar, ou o policial pode perceber que eles podem se tornar, potenciais vítimas do agressor.

Esta realidade ou percepção pode servir como um fator significativo nas ações e nível de força desdobrada pelo policial.

Batalha

Nesta fase, os adversários têm um acordo de trabalho. Tanto o infrator quanto, em muitos casos, o alvo parecem comprometidos com a batalha. A situação agravou-se, exigindo uma resolução imediata com um compromisso com um curso de ação violento. Luckenbill afirma que, nesta fase, o agressor localiza uma arma capaz de ultrapassar o alvo (policial). Em alguns casos, o agressor já possui a arma; em outros, ele ou ela pode sair temporariamente para obter uma arma ou para transformar um adereço existente, como uma faca de cozinha ou um taco de beisebol em uma arma. A batalha então começa variando de um único golpe fatal a uma longa luta. A conclusão da batalha vem com o colapso do alvo (Luckenbill, 1977: 165). No entanto, durante uma interação com um policial treinado e equipado, é o agressor que frequentemente é tratado com força letal ou lesões corporais graves.

Finalização

Após a queda do alvo, o agressor pode fugir do local, esperar voluntariamente pela polícia ou ser detido involuntariamente pela polícia, por um ou mais transeuntes. Luckenbill observa que, quando o ofensor e o alvo são conhecidos, inimigos ou estranhos, o ofensor geralmente foge tentando se livrar das evidências incriminatórias. Se o assassinato ocorre na presença de outras pessoas, o público adota um dos três papéis gerais: hostil, neutro ou de apoio. Espectadores hostis tentarão prender os infratores e auxiliar o alvo, notificando a polícia. Os espectadores neutros estão em estado de choque devido ao testemunho de um assassinato. O agressor escapa e o alvo morre. Espectadores que o apoiam, que podem ter encorajado a interação violenta, auxiliam o agressor em sua fuga e demoram a notificar a polícia (Luckenbill, 1977: 165).

Resumindo a aplicação da teoria de Luckenbill, o uso de força letal pela polícia não é uma transação unilateral com o agressor tendo um papel limitado na interação. Na verdade, o resultado da morte ou lesão corporal grave é o resultado de um intercâmbio dinâmico entre o agressor, o alvo (policial) e os transeuntes. O infrator e o policial desenvolvem linhas de ação, cada uma moldada pelas ações do outro. Um acordo de trabalho sobre violência é desenvolvido, às vezes implícito e frequentemente explícito. O resultado típico do acordo, em casos extremos, é a morte ou ferimento do ofensor. No entanto, em alguns casos, é o policial que morre nas mãos do agressor.

Vitimologia

É dentro dessa estrutura complexa de policiamento aplicado que os pesquisadores tentaram compreender e explicar as causas subjacentes das ameaças letais contra os policiais. Em suas tentativas, os pesquisadores derivaram uma série de perspectivas teóricas, cada uma fornecendo um ponto de vista que deve ser considerado dentro das circunstâncias únicas do incidente de ameaça letal individual. Em particular, o campo da vitimologia e seu foco no papel da vítima levou a uma série de questões não resolvidas.

Qual é o papel da chamada “vítima” durante um encontro letal ou considerado letal com a polícia? Como o comportamento da vítima influencia em um tiroteio policial? Existem implicações para o treinamento policial em relação à vitimologia? O uso de força letal pela polícia pode estar vinculado a uma política social mais ampla?

Homicídio Precipitado pela Vítima: Suicide-by-Cop

O termo homicídio precipitado pela vítima refere-se aos assassinatos em que a vítima é um precipitador direto e positivo do incidente. Foote (1995) acrescenta que o homicídio precipitado pela vítima é, na verdade, composto de várias dimensões que incluem correr riscos, agressividade e intencionalidade. É nesse quadro que surge o conceito de “*suicide by cop*”. Durante os incidentes precipitados pela vítima, esses fatores culminam com uma pessoa que assume riscos de forma agressiva e intencionalmente envolvida em um comportamento percebido de ameaça à vida, normalmente resultando em um policial ou outro indivíduo tirando sua vida (Kennedy et al., 1998; Lord, 1998; Huston et al., 1998).

É significativo que as características associadas a um indivíduo com predisposição ao homicídio precipitado pela vítima sejam geralmente definidas dentro da categoria de comportamento suicida. Schneidman (1981) identifica os principais elementos do *suicídio de alta letalidade* como sendo o desejo de morrer; um papel direto e consciente em causar a própria morte; e o fato de que a morte resulta principalmente das ações do falecido. Além disso, as características psicológicas específicas associadas ao suicídio incluem uma sensação geral de depressão, desesperança e baixa autoestima por parte do falecido. Frequentemente, essas características são abertamente exibidas por ações como feridas autoinfligidas, declarações de suicídio ou o desejo de morrer.

Em alguns casos, o ato individual de suicídio é pré-planejado com o indivíduo envolvido em um *ato intencional calculado* de comportamento de risco de vida, resultando em um homicídio precipitado pela vítima (Homant, 2000, Lord, 2004). Em outros casos, o ato individual de suicídio é *impulsivo*, com motivação suicida ocorrendo *apenas após* o envolvimento da polícia em uma determinada situação (Foote, 1995). Por exemplo, na conclusão de uma perseguição policial, um indivíduo pode repentinamente decidir que é melhor morrer nas mãos da polícia do que enfrentar um julgamento público com a possibilidade de uma longa pena de prisão.

A análise de Geller e Scott (1992) desse fenômeno revelou que geralmente esses casos são difíceis de descobrir, pois há pouca ou nenhuma documentação da intenção da vítima. Infelizmente, as ações da vítima levaram à sua morte sem o benefício de uma explicação pós-tiroteio para seu comportamento (Lord, 2004). Os investigadores da polícia também confundiram esta situação ao não examinar em detalhes as *causas básicas* do comportamento da vítima.

Pesquisadores (Parent, 1996; Homant, 2000) notaram que técnicas de prevenção de suicídio e alternativas às armas letais devem ser disponibilizadas aos policiais, se essas situações devem ser minimizadas. No entanto, pessoas que estão fortemente predispostas a tirar suas próprias vidas podem recorrer a métodos extremos na tentativa de realizar seu objetivo. É bem sabido pela televisão, pelo

cinema e pela literatura que os policiais são treinados e usarão força letal, com certo grau de certeza ao se depararem com uma situação de risco de vida. Como resultado, um indivíduo com predisposição ao suicídio pode confrontar a polícia com uma faca ou outra arma, avançando e *forçando* o policial a utilizar força letal. Um indivíduo extremo pode até mesmo enfrentar a polícia com uma arma carregada ou disparar contra a polícia, na esperança de ser morto (Lord, 2004). Essas situações forneceriam poucas, ou nenhuma, opções para os policiais presentes, exceto responder com força letal.

Com muita frequência, o tiroteio policial foi explicado como "um louco que atacou o policial com uma faca ou arma." Foi apenas nos últimos dez anos que a polícia e os instrutores de gestão de conflitos, nos Estados Unidos, começaram a examinar e fazer referência ao fenômeno do homicídio precipitado pela vítima como causa de tiroteios policiais (Geller e Scott, 1992; Parent, 1996; Homant, 2000; Lord, 2004).

Esse fenômeno também foi citado em estudos internacionais sobre tiroteios policiais em países que incluem Inglaterra, País de Gales e Austrália (P.S.D.B., 1996) (P.C.A., 2003) (A.I.C., 1998) e durante trabalhos acadêmicos apresentados em diversos encontros acadêmicos anuais que incluem a Academia de Ciências da Justiça Criminal e a Academia Americana de Psiquiatria e Direito (Lord, 1998; Keram et al., 2000). Além disso, vários estudos empíricos do fenômeno coloquialmente conhecido como "*suicide by cop*" foram publicados em periódicos acadêmicos nos últimos tempos (Homant e Kennedy, 2000; Hutson et al., 1998; Parent e Verdun-Jones, 1998; Wilson et al., 1998).

Compreendendo o Comportamento Suicida

O comportamento suicida pode ser considerado um comportamento direcionado a um objetivo. Em alguns casos, o comportamento suicida aparece como um objetivo instrumental e em outros casos é mais expressivo. Os objetivos instrumentais do comportamento suicida podem incluir evitar consequências como a reconciliação de um relacionamento amoroso fracassado ou o encarceramento. Em contraste, objetivos expressivos podem incluir desabafar, desesperança ou raiva sobre a vida de um indivíduo ou, provar um ponto emocional. Essas motivações geralmente estão presentes em qualquer incidente de *suicide by cop*. Existem também três "meta" ou objetivos finais comuns, pelo menos um dos quais está presente em todas as situações de "*suicide by cop*": suicídio, homicídio-suicídio ou atenção ou "grito de ajuda" (Mohandie e Meloy, 2000: 384).

Metas Instrumentais e Expressivas

Mohandie e Meloy (2000) afirmam que o comportamento instrumental tipifica indivíduos que são:

- Tentar escapar ou evitar as consequências ou ações criminosas ou vergonhosas,
- Utilizar um confronto forçado com a polícia para reconciliar um relacionamento fracassado,

- Com a intenção de evitar as cláusulas de exclusão de apólices de seguro de vida,
- Racionalização de que, embora possa ser moralmente errado cometer suicídio, ser morto resolve o problema espiritual do suicídio; ou
- Buscar o que eles acreditam ser um meio muito eficaz de realizar a morte.

Em contraste, o comportamento expressivo tipifica os indivíduos que estão se comunicando:

- Desesperança, depressão e desespero,
 - Declarações relativas à sua identificação percebida como vítima,
 - A necessidade de salvar a reputação morrendo ou sendo oprimido pela força, em vez de se render,
 - Suas intensas necessidades de energia,
 - Raiva e vingança; ou
 - A necessidade de chamar a atenção para uma questão pessoal importante.
- (Mohandie e Meloy, 2000: 384-385)

Pesquisas Sobre *Suicide-by-Cop*

Kennedy et al. (1998) revisaram uma biblioteca eletrônica contendo o texto completo de 22 jornais, representando 18 áreas metropolitanas nos Estados Unidos, obtendo uma ampla amostra de relatórios de tiroteios policiais ligando potenciais incidentes de *suicide by cop*. Os pesquisadores analisaram um total de 240 artigos de 1980-1995. Em uma tentativa de eliminar o preconceito, dois avaliadores independentes documentaram os incidentes de tiroteios em uma das seguintes categorias:

1. Provável suicídio: os indivíduos demonstram nítida motivação suicida, seja por palavra ou gesto, ou confrontam a polícia com arma perigosa, embora não tenham como escapar, obrigando os policiais a atirar.

2. Possível suicídio: os indivíduos parecem perturbados ou agem como se não se importassem se os policiais os matam; eles podem fazer uma tentativa de fuga inútil ou sem esperança.

3. Incerto: informações insuficientes ou contraditórias são fornecidas.

4. Suicídio improvável: o comportamento dos indivíduos pode ser facilmente contabilizado sem assumir tal motivação.

5. Sem evidências de suicídio: os indivíduos claramente tentam evitar os tiros. (Kennedy et. al, 1998:24)

Esses pesquisadores descobriram que uma motivação suicida provável ou possível era aparente em 16% dos 240 incidentes. Além disso, os pesquisadores

observaram que o comportamento demonstrativo por parte do indivíduo estava presente em 89% dos casos. Esses comportamentos incluíam apontar ou disparar uma arma contra um policial e pegar uma arma.

O assalto à mão armada foi a chamada mais frequente para a intervenção do policial. No entanto, eles notaram uma leve tendência para incidentes suicidas envolvendo a tríade de perturbação geral, perturbação doméstica e chamadas de pessoas com armas. A maioria dos indivíduos confrontados era do sexo masculino (97%).

Lord (1998) examinou 67 casos de 32 agências policiais que atendiam aos critérios de *suicide by cop*. Lord observou que 18 indivíduos foram mortos, cinco cometeram suicídio e 44 indivíduos foram classificados como “tentativa de suicídio”, uma vez que não foram mortalmente feridos pela polícia. Três grupos de vítimas emergiram neste estudo, indivíduos associados a disputas domésticas, indivíduos com doenças mentais e indivíduos com antecedentes criminais que enfrentam pena de prisão. Lord observou que o estressor mais comum que pode desencadear um incidente de *suicide by cop* é o fim de um relacionamento. Além disso, 62% dos indivíduos usaram álcool e/ou drogas antes ou durante o incidente de *suicide by cop*.

O primeiro estudo canadense sobre esse fenômeno apareceu em 1996 (Parent) e examinou a frequência e o grau de atos precipitados pela vítima que constituíram ameaças letais a policiais nos departamentos municipais da Colúmbia Britânica e à Polícia Montada Real Canadense de 1980 a 1995. Essa pesquisa revelou que as características associadas ao homicídio precipitado pela vítima parecem ser um fator significativo em 48% dos 58 casos analisados.

Nesses casos, as declarações e ações do indivíduo refletiram claramente sua intenção de cometer suicídio. Em vários casos, o autor da ameaça letal tinha uma história documentada de doença mental e/ou comportamento suicida, e vários apresentavam níveis elevados de álcool no sangue no momento da morte. Em alguns casos, álcool, abuso de substâncias e doenças mentais foram adicionados a um quadro complexo de tendências suicidas e comportamento irracional.

Finalmente, outro estudo recente (Huston et al., 1998) revisou todos os casos de tiroteios policiais envolvendo o Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles entre 1987 e 1997 (n = 437), foi determinado que 13% de todos os tiroteios policiais fatais e 11% de todos os tiroteios policiais, fatais e não fatais, foram situações de *suicide by cop*. Além disso, os dados de 1997 indicaram que esses casos representaram 25% de todos os tiroteios policiais e 27% de todos os homicídios policiais justificáveis, um aumento significativo em relação aos anos anteriores.

Além disso, os pesquisadores observaram que 98% dos indivíduos eram do sexo masculino, 70% tinham antecedentes criminais, 65% tinham problemas com drogas ou álcool, 63% tinham histórico psiquiátrico conhecido, 39% tinham histórico de violência doméstica e 65% tinham comunicado verbalmente suas intenções suicidas. Também significativo foi que 48% dos indivíduos confrontados estavam de posse de armas de fogo e outros 17% possuíam réplicas de armas de fogo.

Transtornos Mentais, Abuso de Substâncias e Violência

Como esses estudos ilustraram, os indivíduos suicidas são tipicamente influenciados por vários fatores que incluem doença mental, abuso de substâncias e prejuízo cognitivo. A esse respeito, os pesquisadores notaram que há um risco maior de violência entre pessoas com certos transtornos mentais que incluem esquizofrenia e psicopatia. No entanto, a ligação entre transtornos mentais e violência é complexa e é mediada pela presença de abuso de substâncias (Nestor, 2002, P.C.A., 2003; M.H.S., 1998).

Nestor (2002) afirma que os transtornos de abuso de substâncias representam os correlatos mais fortes de violência em relação a todos os transtornos mentais. Por exemplo, Nestor observa que, entre os atos de violência mais extremos, vários subtipos de incidentes de homicídio-suicídio foram associados à configuração clínica da depressão, transtorno de personalidade antissocial e abuso de substâncias. Em um subtipo de assassinato-suicídio, um infrator deprimido, frequentemente abusador de substâncias e transtorno de personalidade antissocial, mata uma pessoa importante e imediatamente ou logo após cometer ou tentar o suicídio. Em outro subtipo, a ansiedade e a depressão estão relacionadas diretamente ao abuso de substâncias e, quando combinadas com a intenção suicida, levam a atos de violência letal, mesmo na ausência de personalidade antissocial. É dentro dessa estrutura que indivíduos suicidas, deprimidos e usuários de drogas podem se envolver em comportamentos de risco de vida para provocar um policial a fim de levar um tiro (Nestor, 2002: 1974).

Nestor também observa que estudos longitudinais forneceram fortes evidências de que os transtornos de personalidade estão associados ao comportamento violento. Johnson et al. (2000) citam uma taxa de base elevada para violência de 14,4% entre indivíduos com diagnóstico de transtorno de personalidade do DSM-IV. Nester acrescenta que os sintomas de transtorno de personalidade paranoico, narcisista e passivo-agressivo se correlacionaram significativamente com a violência.

Finalmente, Wilson et al. (1998) analisou 15 mortes de pessoas suicidas que, por seu comportamento, suficientemente provocaram policiais a matá-los. Wilson observa que sete dos 15 indivíduos tinham tentativas de suicídio anteriores, 40% tinham diagnósticos psiquiátricos documentados por médico e 60% tinham evidências históricas razoáveis de diagnóstico psiquiátrico, mais comumente depressão e abuso de substâncias.

Pesquisa e Prática

A pesquisa sobre o uso de força letal pela polícia apareceu pela primeira vez no início dos anos 1960, com a publicação de estudos que enfocavam características situacionais como hora do dia, distância do tiro, tipo de contato inicial e outras considerações técnicas (Schade, Bruns, Morrison, 1989) A maioria das pesquisas que existem até hoje foi conduzida nos Estados Unidos da América. Desde a década de 1970, a maioria das pesquisas sobre força letal tem se concentrado em limitar o uso dela (Matulia, 1985; Geller e Scott, 1992; Alpert e MacDonald, 2001; White, 2001; J.I.B.C., 2004).

Os métodos de limitar o uso de força letal que foram sugeridos incluem:

- mudanças na política que rege sua aplicação,
- estratégias de controle por meio do estabelecimento de conselhos de revisão,
- seleção de recrutamento apropriada,
- ferramentas de conformidade que oferecem alternativas à força letal, e
- treinamento intensivo nos níveis de recrutamento e em serviço.

Os pesquisadores também tentaram explicar as razões subjacentes ao uso de força letal pela polícia. Em suas tentativas, eles geraram uma série de perspectivas teóricas, cada uma fornecendo um ponto de vista que deve ser considerado dentro das circunstâncias únicas do incidente com a força letal. Essas perspectivas foram categorizadas como:

- Preditores de força mortal,
- Mudanças fisiológicas,
- Estressores que afetam a tomada de decisões,
- Características individuais dos participantes,
- Relacionamentos de variáveis influentes,
- Treinamento Policial e Opções de Força, e
- Vitimologia.

Preditores de Força Letal

Numa tentativa de reunir muitas das informações salientes conhecidas pelos pesquisadores a respeito desse tópico, Geller e Scott (1992) compilaram um livro de cerca de 600 páginas intitulado "*Deadly Force: What We Know: A Practitioner's Desk Reference on Police-Involved Shootings*" – [Força Letal: O que Sabemos: Uma referência de escritório de um praticante sobre tiroteios policiais]. Em seu livro, os autores observam quatro categorias de preditores que muitas vezes se combinam para influenciar o uso de força letal por policiais:

1. Os atributos dos participantes são fatores-chave na determinação do uso de força letal. Em relação ao indivíduo, isso inclui a idade, sexo, comportamento e origem racial do indivíduo. Em relação ao policial, inclui se um parceiro estava presente, se a parceira era uma policial e se a parceira era uma novata.

2. Os atributos do ambiente são fatores-chave adicionais envolvidos em tiroteios policiais. Isso inclui a iluminação no momento e se era dia ou noite, o local do incidente, domínio público versus privado, o tempo no momento incluindo a questão específica da chuva; a distância física do policial ao indivíduo e se o policial tinha disponibilidade de cobertura e, por fim, se o policial disparou sem obstrução e aparentemente com segurança contra o indivíduo.

3. As ações, intenções e recursos do indivíduo servem como mais um fator importante no uso da força letal. Isso inclui a questão de saber se o indivíduo não coopera, não responde, é rude ou é considerado mentalmente perturbado pelo policial. Outros fatores salientes incluem se o indivíduo possui uma arma, se é uma arma de maior poder de fogo, se a arma está apontada para o policial; se o indivíduo dispara a arma contra o policial. Os fatores adicionais incluem a questão de saber se o indivíduo está cometendo um crime grave, se há mais indivíduos do que policiais no local; se o indivíduo demonstrou intenção de prejudicar um indivíduo e se o indivíduo foi visto saindo de um prédio. Esses fatores situacionais têm maior probabilidade de fazer com que um policial utilize força letal.

4. A força letal pode ser desdobrada quando houver "outros" preditores. Esses preditores ocorrem quando o indivíduo utiliza alternativas a uma arma. Isso inclui se o policial percebe que sua vida ou a de outro indivíduo está sendo ameaçada pelo indivíduo.

Mudanças Fisiológicas

Geller e Scott (1992) observam que, em alguns casos, o policial é forçado a reagir em segundos e há pouco o que os policiais envolvidos pudessem ter feito de forma diferente para alterar seu confronto. No entanto, um policial envolvido em uma luta de vida ou morte experimentará uma variedade de alterações perceptivas. A visão de túnel pode ocorrer, o que na verdade anula a visão periférica dele. O policial pode exigir essa visão para ver outros perigos, outras alternativas à força letal ou para apreciar a presença de espectadores inocentes (Parent, 1996; Klinger, 2001).

Os pesquisadores citaram "distorções de tempo" e "aumento da acuidade auditiva e visual", entre outros efeitos fisiológicos de confrontos de alto estresse. As alterações fisiológicas (mais comumente conhecidas como "síndrome de lutar ou fugir") são intrínsecas ao ser humano, atuando como um mecanismo de sobrevivência (Klinger, 2001; Sheehan e Warren, 2001). Murray e Zentner (1975) observam que o "estágio de alarme" é uma resposta instantânea, de curto prazo, que preserva a vida e do sistema nervoso simpático totalmente, que ocorre quando uma pessoa, consciente ou inconscientemente, percebe um estressor indutor de perigo.

Ao estimular o sistema nervoso simpático, a epinefrina é liberada da medula adrenal e, nas terminações nervosas adrenérgicas, transportada para as áreas-alvo. A taxa e o débito cardiovasculares aumentam, disponibilizando mais sangue. Ao mesmo tempo, o suprimento de sangue é desviado para o cérebro, coração e músculos esqueléticos. A frequência respiratória e a profundidade são aumentadas para garantir a oxigenação adequada. O metabolismo do indivíduo é aumentado em até 150 por cento, fornecendo energia imediata e produzindo mais calor corporal. O tônus muscular é aumentado para que as atividades sejam mais bem coordenadas. As pupilas dilatam para que o máximo de luz possa ser usado na visualização da situação. A visão é inicialmente nítida. Finalmente, funções menos essenciais, como digestão e excreção, são diminuídas e os esfíncteres se contraem (Murray e Zentner, 1975).

Essas mudanças fisiológicas permitem que o indivíduo aja apropriadamente ao se deparar com um perigo percebido. No entanto, há momentos em que, com a intensificação do estresse, podem ocorrer mudanças fisiológicas opostas. O débito cardiovascular pode diminuir e a respiração pode se tornar difícil com a ocorrência de hiperventilação e tontura. A pessoa pode sentir náuseas e fome, o tônus muscular pode relaxar a ponto de resultar em descoordenação. A dilatação da pupila pode ficar fixa, causando visão turva. Finalmente, o tônus do esfíncter de um indivíduo pode diminuir na medida em que ocorre defecação ou micção involuntária (Murray e Zentner, 1975; Klinger, 2001).

Os policiais que estiveram envolvidos em tiroteios detalharam como o incidente, muitas vezes fração de segundo, parecia se desenrolar em "câmera lenta", com seu único foco nas ações do agressor. Na maioria dos casos, os policiais responderam à ameaça percebida de maneira "automática", com base em seu treinamento repetido para lidar com situações de risco de vida. Na grande maioria dos casos, um encontro potencialmente violento se transformará em uma situação letalmente violenta em apenas uma questão de segundos (Klinger, 2001; Sheehan e Warren, 2001).

As alterações perceptivas que ocorreram dentro do policial (geralmente em segundos) são frequentemente atendidas em igual período de tempo pelo emprego de força letal. Esta situação normalmente faz com que os investigadores da polícia e revisores externos, como os tribunais, considerem que seria irreal e injusto esperar que um policial, enfrentando uma ameaça à sua vida ou a outro indivíduo, deva dedicar "tempo" para explorar todas as opções e variáveis presentes. Devido à dinâmica de uma situação típica de tiroteio, tanto a polícia quanto os tribunais tendem a ver qualquer retrospecto controverso como sendo irreal (Parent, 1996; Klinger, 2001).

No entanto, isso não quer dizer que os policiais devam ser dispensados de sua obrigação de verificar fatores específicos ao se aproximarem da cena de um encontro potencialmente violento. Os pesquisadores notaram que um fator chave para aumentar a quantidade de tempo disponível para um policial é o treinamento na área de redução da violência (J.I.B.C., 1992; Parent, 1996; J.I.B.C., 2004). Os policiais não devem apenas ser treinados, mas também praticar regularmente o dimensionamento de uma cena após sua chegada. Isso incluiria uma análise de questões como decidir sobre como e quando entrar em uma situação, quais precauções tomar, incluindo o desenvolvimento de um hábito de verificar cenas de crime em andamento com o objetivo de identificar perigos, opções e observadores (Geller e Scott, 1992; JIBC, 2004). O policial deve invocar a coleta de informações e a tomada de decisões táticas antes do início de um encontro violento. O tempo rápido e os efeitos fisiológicos que ocorrem durante o encontro violento tendem a indicar que existem poucas alternativas, se houver, à força letal.

Estressores que Influenciam a Tomada de Decisões

O estresse é um estado físico e emocional que está sempre presente em uma pessoa, mas é intensificado quando ocorre uma mudança ou ameaça ambiental à qual o indivíduo deve responder. A sobrevivência de um indivíduo depende da negociação constante entre as demandas ambientais e as próprias capacidades adaptativas da pessoa (Klinger, 2001). O desempenho humano em condições adversas tem sido o foco da pesquisa por vários anos. Schade, Bruns e Morrison (1989) afirmam que a experimentação e o exame observacional de ameaça, estresse e ansiedade sugerem que níveis elevados de estresse afetam negativamente qualquer desempenho. Esses autores observam que os ambientes físicos e sociais servem para aumentar a ansiedade, incluindo locais escuros ou mal iluminados; áreas de alta criminalidade e violência; pessoas zangadas ou chateadas e estruturas sociais que não o apoiam. Embora esses fatores afetem todos os indivíduos, é provável que os policiais experimentem níveis ainda mais elevados de ansiedade, pois geralmente têm pouca escolha ao entrar em uma situação perigosa.

Na sociedade contemporânea, existe a percepção de que as agências policiais na América do Norte têm a tarefa de policiar uma sociedade violenta, um sistema de justiça criminal ineficaz e infratores que normalmente estão armados com armamento superior. Somada a esta situação, a tecnologia criou dispositivos de monitoramento baratos e eficazes, disponíveis para todos os membros do público. Os policiais não devem apenas cumprir a lei, mas seu próprio comportamento ao fazê-lo é frequentemente monitorado e criticado (Skolnick e Fyfe, 1993; Griffiths, et al., 1999; J.I.B.C., 2004).

Esses são apenas alguns dos fatores que criaram um nível de estresse ocupacional que, em muitos casos, resultou na percepção da polícia como estando "presa" (Skolnick e Fyfe, 1993). As agências policiais dos dias modernos enfrentam a necessidade de lidar com os problemas contemporâneos do crime e com o público em geral, que muitas vezes espera soluções imediatas para problemas profundamente enraizados na sociedade. Essas soluções devem ser alcançadas dentro dos parâmetros da legislação, das garantias constitucionais e das complexidades de nosso sistema de justiça criminal. Além disso, espera-se que a polícia mantenha um nível de serviço considerado profissional e responsável por todos os indivíduos da sociedade.

Outros estressores incluem a recente desinstitucionalização dos doentes mentais e o aumento do uso de drogas alucinógenas que incluem PCP (Phencyclidine - Fenciclidina) e cocaína. Esses dois fatores por si só forçaram a polícia a lidar com indivíduos mais perturbados e violentos. A recente fabricação e distribuição generalizada de metanfetaminas também contribuíram para esta situação, frequentemente tornando o usuário agressivo e violento. Os policiais, mais do que nunca, estão propensos a encontrar indivíduos violentos ou perturbados com frequência. Nos últimos quinze anos, um grande número de indivíduos angustiados que sofriam de doenças como a esquizofrenia foi liberado de instituições. Muitos desses indivíduos agora vivem nas ruas e são frequentemente encontrados pela polícia (Griffiths, et al., 1999).

O comportamento apresentado por um doente mental pode facilmente ser mal interpretado como um ato agressivo, indicando a necessidade do uso da força. Em muitos casos, os policiais devem ser capazes de avaliar e interpretar as pistas de um indivíduo (geralmente em segundos) para verificar o procedimento correto ao lidar com ele ou ela. Por exemplo, um indivíduo com problemas mentais agitando uma faca no ar, enquanto grita e se enfurece, pode ser "reprimido" por um policial usando técnicas de comunicação verbal. No entanto, esse mesmo indivíduo com problemas mentais pode fazer com que outro policial perceba que sua vida está em perigo, exigindo, portanto, o uso de força letal. Os policiais estão cada vez mais colocados na situação precária de serem obrigados a avaliar corretamente e instantaneamente as pessoas que enfrentam na rua.

Finalmente, esses eventos foram exacerbados pela percepção de que o sistema penitenciário libera infratores perigosos não tratados prematuramente para a comunidade. O prognóstico para muitos desses indivíduos é que eles ofenderão mais uma vez. No entanto, a legislação exige que os infratores sejam libertados para a sociedade após o cumprimento de sua pena. Esta situação serve ainda para intensificar o medo e o(s) nível(is) de estresse de cada policial. A polícia pode, sem saber, ter que lidar com um criminoso perigoso libertado, aquele que demonstrou potencial para a violência (Griffiths, et al., 1999).

Em suma, essas condições realistas de "rua" nos Estados Unidos e, em certa medida, no Canadá, fizeram com que a polícia se preocupasse continuamente com a violência potencial. Skolnick (1966) afirmou que, em reação às pressões que enfrentam, os policiais desenvolvem uma "taquigrafia perceptual" para identificar certos tipos de pessoas como "agressores simbólicos". Esses agressores simbólicos são indivíduos que usam gestos, linguagem e trajes específicos que o policial passou a reconhecer como um prelúdio à violência. Isso também pode se aplicar a configurações simbólicas, que o policial passou a reconhecer como tendo potencial de perigo.

O nível de excitação do policial respondedor aumentará ao confrontar uma situação simbólica percebida. Esse padrão de reconhecimento e excitação pode servir para "desencadear" o uso de força letal, seja ela realmente necessária ou não. A expectativa preconcebida de um policial pode servir para alterar fatos, criando assim uma avaliação e resposta situacional inadequada. Além disso, situações simbólicas podem provocar medo em um policial individualmente. Esse medo pode incluir medo de lesões graves, medo de incapacidade ou medo da morte (Klinger, 2001; Sheehan e Warren, 2001). A Associação Internacional de Chefes de Polícia (1990) afirma que a dinâmica do medo só se torna destrutiva quando um policial se fixa em uma ameaça percebida até o ponto de impotência, ao invés de nos meios para conter a ameaça. Os autores sugerem que os policiais individualmente devem enfrentar seus medos, utilizando o treinamento como um meio de abordar construtivamente seus medos.

Em conclusão, os níveis observados de estresse e medo enfrentados pelos policiais podem servir como variáveis explicativas no uso de força letal pela polícia. Um policial que percebe uma ameaça agirá com base nessa percepção. As mudanças fisiológicas e psicológicas que ocorrem em policiais sob estresse também podem servir como fatores importantes na decisão de um policial de empregar força letal.

Características Individuais

Explicações adicionais para o uso de força letal pela polícia podem ser encontradas dentro do nível de serviço de um policial, bem como seu gênero e raça específicos. Um estudo recente examinou a correlação entre essas variáveis e o desencaixe e disparo oportuno e prematuro da arma de um policial. Doerner (1991) utilizou um estimulador de tempo de reação (um projetor de cinema computadorizado com uma arma padrão adaptada com um dispositivo de emissão de laser) para medir a reação dos policiais ao sacar suas armas durante cenários específicos.

O estudo envolveu 56 policiais que foram expostos a oito cenários diferentes por meio do simulador. Os resultados da pesquisa revelaram que os policiais sacaram suas armas antes que uma ameaça se materializasse em 28% dos incidentes. No entanto, em apenas 5% dos incidentes ocorreram tiroteios prematuros. Também foi significativo o fato de que policiais novatos inexperientes tinham maior probabilidade de exibir uma arma prematuramente do que policiais experientes. As policiais do sexo feminino mostraram uma tendência de manter suas armas no coldre por mais tempo do que seus colegas homens, embora as diferenças de gênero não fossem estatisticamente significativas. A corrida de um policial não afetou o grau de saque que ocorreu.

Outro aspecto interessante deste estudo é que a precisão do tiro diminuiu com o tempo necessário para sacar uma arma. Os indivíduos que demoravam a sacar a arma eram mais propensos a perder o assaltante simulado ou eram incapazes de responder ao fogo depois que o ataque tivesse começado. Os resultados deste estudo podem ser interpretados para revelar que, embora os policiais experientes possam ser menos propensos a usar força letal, eles são mais propensos a serem mortos ou feridos por um agressor.

Os resultados deste estudo também enfatizam a importância do processo de recrutamento dos candidatos à polícia e da formação do policial em serviço. Policiais inexperientes eram mais propensos a exibir suas armas do que os policiais experientes. Esta é uma descoberta significativa, visto que os policiais experientes geralmente receberam menos treinamento formal do que os recrutas contemporâneos. Também significativo é que esses policiais não foram treinados por vários anos. As características do candidato recrutado, bem como a intensidade e especificidades do treinamento do recrutamento, podem revelar-se variáveis relacionadas ao uso de força letal.

Em outro estudo, Croft (1985) examinou o uso da força pela polícia de 1973 a 1979 em Rochester, Nova York. Uma análise de mais de 2.000 incidentes relatados de uso da força retratou o uso da força pela polícia como sendo infrequente, ocorrendo em menos de 2% de todas as prisões. Os resultados também indicaram que a polícia não é seletiva no uso da força em relação à idade, sexo ou raça do indivíduo. No entanto, este estudo indicou que uma alta proporção das pessoas encontradas pela polícia eram emocionalmente perturbadas, enlouquecidas ou intoxicadas. Os dados também indicaram que os policiais exigem alternativas ao uso da força. Em muitos casos, houve a necessidade de mais treinamento policial em áreas como intervenção em crises e comunicação interpessoal e habilidades de sensibilidade.

Este estudo também indicou que, ao medir o desempenho do policial e as características pessoais, os fatores mais significativos que surgiram para influenciar o nível de força usada foram a idade do policial e o tempo de serviço. Os indivíduos que utilizaram altos níveis de força tendiam a ser significativamente mais jovens em idade e menos anos de experiência policial. Isso tenderia a indicar que os indivíduos deveriam ser recrutados para o policiamento mais tarde e que o treinamento de recrutamento deveria durar mais. Isso também sugere que os indivíduos recrutados em uma idade mais jovem não devem ser colocados em situações em que possam encontrar uma ameaça percebida. Um meio prático de resolver essa situação seria colocar esses jovens policiais em parceria com policiais veteranos experientes. Um parceiro competente e experiente provavelmente contornaria os atributos negativos de juventude e inexperiência.

A principal vantagem de recrutar indivíduos maduros é que eles têm maior probabilidade de adquirir habilidades importantes para a vida antes de entrar para a polícia. Um indivíduo com maior experiência em habilidades para a vida seria, sem dúvida, mais capaz de lidar com os vários fatores estressantes do trabalho policial. Com base nesse estudo, as habilidades para a vida também parecem ser um fator importante para permitir que o policial tenha empatia por muitos dos indivíduos problemáticos encontrados pela polícia. Em resumo, o tempo de serviço, a maturidade e a experiência de vida em geral podem servir como fatores importantes para explicar o uso de força letal pela polícia.

Relacionamentos Variáveis

Em seu artigo de 1985, "*A Balance of Forces*", Kenneth Matulia explora especificamente as diferentes relações variáveis de homicídio justificável pela polícia. Matulia finalmente conclui que a frequência de homicídios justificáveis cometidos por policiais está relacionada ao nível de crime e violência dentro de uma comunidade. Ao apresentar essa tese, Matulia discute várias outras explicações possíveis para o uso de força letal pela polícia nos Estados Unidos da América. Digno de nota entre essas explicações são:

- *Fatores sociais*: os fatores sociais incluem a ênfase da comunidade na posse de armas nos Estados Unidos, combinada com sentimentos públicos iguais contra o registro de propriedade. Esses fatores podem contribuir para que a polícia tenha maior probabilidade de recorrer à força letal.

- *Determinação cultural*: o uso da violência pela polícia também pode ser considerado uma característica culturalmente determinada. Este ponto é argumentado na medida em que a variação entre os estados, nas taxas de uso de força letal pela polícia, se correlaciona significativamente com as taxas de violência pública. Por exemplo, os estados do sul dos EUA normalmente têm um nível mais alto de violência pública e uso de força letal pela polícia. Além disso, os Estados Unidos em geral usam mais a pena de morte para crimes cometidos contra o Estado do que outras nações ocidentais.

- *Situacional por natureza*: a pesquisa indicou que a violência policial é situacional por natureza. Existe um conjunto de dinâmicas de personalidade, estresse e perigo que é único para cada situação (Parent, 1996).

- *Níveis de estresse*: existe uma relação significativa entre o uso da força pela polícia e a quantidade de estresse enfrentada por um policial em uma determinada situação. Argumentou-se que os policiais tendem a reagir de forma exagerada e compensar com força excessiva em situações extremamente estressantes, a fim de suprimir sentimentos pessoais de insegurança e medo.

O espancamento físico de Rodney King pelo departamento de polícia de Los Angeles serve como um exemplo de como isso poderia ocorrer (Skolnick e Fyfe, 1993). Uma perseguição em alta velocidade envolvendo um veículo com vários ocupantes para de repente. O motorista é um homem grande sob o efeito de drogas. A polícia reage de forma exagerada e compensa com força excessiva devido à série de eventos que ocorreram. Os níveis de estresse e medo de um indivíduo podem desencadear fatores tanto fisiológicos quanto psicológicos que acabam facilitando o uso de força excessiva.

- *Razão Polícia/População*: A densidade populacional, estabilidade e proporção de policiais para o público são consideradas significativas para o nível de uso de força letal pela polícia. As descobertas de Matulia revelaram uma correlação positiva da proporção polícia/população com a taxa de homicídio justificável. Quanto maior for a proporção da população policial, maior será a taxa de homicídio justificável.

- *Níveis de emprego*: psicólogos e sociólogos sugeriram que o crime e o desemprego estão diretamente relacionados. Matulia também argumenta que a relação do crime violento com a taxa de homicídio justificável está positivamente correlacionada.

- *Eficácia da Reabilitação Criminal*: Matulia apresenta a posição de que todo o conceito de apreensão, julgamento e reabilitação criminal parece ser um fracasso. Como resultado, os policiais devem confrontar repetidamente indivíduos que anteriormente demonstraram seu desrespeito à lei e à ordem. A polícia é, portanto, cada vez mais colocada em situações que exigem que lide com agressores violentos empedernidos. Esses indivíduos estão bem cientes das consequências de serem confrontados pela polícia e recorrerão a métodos extremos para evitar a prisão.

- *Abuso de armas de fogo*: Os relatórios de crimes uniformes (Uniform Crime Reports) do Federal Bureau of Investigation (FBI) publicados em 2000 indicam que mais de 60% de todos os assassinatos e 40% de todos os roubos nos Estados Unidos foram cometidos com armas de fogo. Além disso, 94% dos policiais mortos foram assassinados com arma de fogo. Se esses instrumentos de violência fossem mais difíceis de obter, então é provável que tanto o crime quanto os encontros com força letal pela polícia fossem reduzidos.

- *Níveis de crime*: as estatísticas de crimes relatados em 1998 indicam que nos Estados Unidos ocorreram mais de 24.500 assassinatos, 104.800 estupros e 659.000 roubos (Sourcebook, 2000). A taxa e o grau de criminalidade servem como um indicador dos encontros com força letal esperados pela polícia. Fyfe (1986) apoiou esta posição em sua microanálise transversal de tiroteios policiais na cidade de Nova

York. Fyfe observou uma forte correlação entre as taxas de tiroteios policiais e a incidência de homicídio criminal.

- *Cultura da Comunidade*: Matulia afirma que há todos os indícios de que as atitudes da comunidade em relação ao crime e à violência estão intimamente relacionadas às taxas de homicídio justificável pela polícia. Para ilustrar este ponto, Matulia observa que a maior taxa de crimes violentos nos Estados Unidos tem sido tradicionalmente nos estados do sul. Ele também observa que as armas são mais comuns nesta área, assim como o fato de os estados do sul serem responsáveis pela maior porcentagem de policiais mortos e a maior porcentagem de homicídios justificáveis cometidos pela polícia.

Esta questão de “cultura da comunidade” também pode ser usada para ilustrar a diferença nas taxas de criminalidade entre o Canadá e os Estados Unidos. Os canadenses são tipicamente mais conservadores e tradicionalmente têm uma taxa mais baixa de crimes violentos do que nossos vizinhos ao sul (Statistics Canada, 2001). As forças sociais, culturais e históricas de uma área geográfica influenciam e direcionam os níveis de violência associados. A questão da cultura da comunidade e do uso de força letal pela polícia é ainda enfatizada por policiais que devem lidar com a ameaça constante de uma sociedade violenta (MacDonald, 2001; White, 2003). Estatísticas compiladas pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos (2001) ilustram que, entre 1976 e 1998, uma média de 79 policiais foram assassinados a cada ano no cumprimento do dever. Além disso, aproximadamente 60 policiais morrerão acidentalmente a cada ano nos Estados Unidos devido a acidentes, como acidentes automobilísticos e aéreos (Bureau of Justice Statistics, 2001).

O F.B.I. também observou que, em todo o país, em 1998, uma média de 16 em cada 100 policiais foram agredidos, resultando em mais de 65.000 agressões (Sourcebook, 2000). Muitos dos casos em que a polícia é confrontada com indivíduos que não cooperam e que resistem verbal ou fisicamente ao policial nunca são denunciados. Essas situações têm o potencial de se transformar em situações mais graves que podem resultar no uso de força, incluindo força letal.

- *A Questão do Racismo*: Uma revisão da literatura dos Estados Unidos sugere que a discriminação racial pode ser uma das principais causas de homicídio justificável pela polícia na América. No entanto, as conclusões de Matulia revelaram que, embora possa haver preconceito racial dentro de alguns membros do sistema policial, o preconceito por si só não explica o nível desproporcional de vítimas negras de homicídio.

Matulia argumenta que o uso de força letal pela polícia tem uma relação direta com as condições que prevalecem nas comunidades que os policiais encontram. Especificamente, ele observa que os negros são super-representados como pessoas presas por homicídio, roubo, crimes violentos e crimes com armas (Geller e Scott, 1992; Worden, 1996).

Como Matulia aponta, a população negra nos Estados Unidos está estatisticamente super-representada na atividade criminosa. A maior probabilidade de estarem em conflito com a lei pode estar enraizada em seu *background*

socioeconômico. A pobreza e o desemprego de longa duração são vistos como fatores significativos dentro da população negra, forçando muitos indivíduos a uma vida de crime. Esta situação serve para aumentar muito sua interação com a polícia e, especificamente, os incidentes de uso da força (Jacobs e O'Brien, 1998). Curiosamente, as vítimas de disparos policiais eram geralmente jovens, com uma proporção maior da população negra sendo jovem (Fyfe, 1981; Alpert e Fridell, 1992; Geller e Scott, 1992).

Geberth (1994) acrescenta uma perspectiva adicional sobre racismo e tiroteios policiais em seu artigo intitulado "*O Componente Racial em Incidentes de Suicide by Cop: Percepção Pública Confusa*". Geberth documenta incidentes em que foram feitas alegações por membros ativistas da comunidade negra de que o tiroteio policial foi racista e injustificado. Em muitos casos, a mídia local noticiou os disparos da perspectiva de amigos e familiares do indivíduo morto. Criou-se a impressão de que o uso de força letal pela polícia era desnecessário. Isso resultou em sugestões de líderes comunitários de que as mortes foram motivadas por motivos raciais.

No entanto, após uma investigação completa, Geberth observa que, em alguns casos, um tiroteio policial pode mais tarde ser classificado como aparente ato de "*suicide by cop*". Nesses casos, Geberth enfatiza que as agências policiais devem explicar e articular como e por que ocorreu o tiroteio policial. Isso é especialmente importante em tiroteios precipitados por vítimas, em que um membro de uma minoria visível é morto. A falta de comunicação e divulgação oportuna pode criar inquietação na comunidade e, em alguns casos, grandes perturbações.

É importante ressaltar que, durante os últimos quinze anos, muitas agências policiais na América do Norte fizeram estradas nas relações policiais raciais, incluindo:

- O recrutamento e promoção significativos de minorias visíveis dentro das agências policiais, muitas vezes "refletindo os níveis de diversidade dentro da comunidade que servem".
- A consolidação firme do treinamento de relações raciais dentro do treinamento de recrutamento e de serviço.
- O estabelecimento de queixas dos cidadãos e mecanismos de revisão policial para garantir a abertura e a prestação de contas ao público.
- A mudança filosófica para os princípios do policiamento baseado na comunidade, com policiais individualmente sendo sensibilizados para as questões e preocupações da comunidade.
- A promoção da igualdade compartilhada pela polícia e pela comunidade na resolução de problemas e na tomada de decisões.

Embora muitas dessas mudanças notáveis tenham ocorrido, as relações raciais da polícia no século 21 estão longe de ser perfeitas. Embora raros, relatos e alegações da mídia ainda ocorrem, expressando preocupação com a conduta policial e a percepção de racismo. Como Geller e Scott (1992) observam:

Em qualquer caso, nenhum resultado de pesquisa, por mais demonstrativo que possa ser do profissionalismo policial no exercício do arbítrio de prisão ou no uso da força, jamais eliminará todas as alegações (algumas sinceras, algumas maliciosas, algumas falsas, algumas meritórias) de racismo policial e outros abusos. Da mesma forma, uma caixa de evidências estatísticas sobre virtualmente qualquer aspecto dos tiroteios policiais não será páreo para o peso das experiências pessoais de policiais e civis com o uso de força letal. (Geller e Scott, 1992: 394)

Tomada de Decisão e Opções de Força

Antes de reagir a qualquer situação com a aplicação da força, um policial é obrigado a avaliar o incidente. Por meio da análise de todas as informações conhecidas, um policial tentará selecionar o uso mais adequado da resposta da força. Por lei e por profissão, a resposta deve ser a opção menos violenta disponível que irá ganhar o controle da situação com segurança (J.I.B.C., 1992; J.I.B.C., 2004).

Quando os policiais se deparam com um indivíduo violento ou um número superior, o nível de perigo potencial aumenta significativamente. Como resultado, o policial deve desabilitar rapidamente o(s) invasor(es) e melhorar a probabilidade de controle. Nesses casos, ferramentas de conformidade, como *spray* de pimenta e armas de impacto, podem fornecer os meios necessários para que o policial controle a situação.

Quando um policial determina que a força física é necessária para estabelecer o controle, o policial deve comparar suas próprias capacidades físicas com as que são exibidas pelo agressor. Como não há *teste de campo* pelo qual um policial possa "medir" seu agressor, ocorre uma avaliação visual. Fatores que contribuirão para a avaliação do policial sobre o agressor incluem o tamanho do indivíduo, gênero, habilidades demonstradas, desenvolvimento muscular e idade. Ao conduzir essa avaliação rápida de campo, o policial comparará seu potencial para alcançar o controle com o potencial do agressor para resistir. Um policial que acredita razoavelmente que possui uma vantagem física geralmente será capaz de obter o controle do agressor com um nível mínimo de força (J.I.B.C., 1992; Griffiths et al, 1999; J.I.B.C., 2004).

Ameaça Demonstrada

Os indivíduos confrontados pela polícia podem demonstrar vários níveis de perigo potencial. Esses perigos estão normalmente na forma de armas ou níveis de resistência. Ao lidar com armas, tanto o tipo de arma quanto a maneira como ela é carregada ou empunhada podem influenciar a percepção de um policial sobre o perigo potencial.

Os perigos associados aos níveis de resistência podem mudar rapidamente dentro do contexto de qualquer incidente em particular e, como tal, a polícia deve estar alerta para todas as possibilidades. Os níveis de resistência podem ser divididos em seis categorias distintas:

1. *Intimidação não verbal* - Gestos e expressões faciais que apresentam uma postura agressiva.

2. *Incumprimento verbal* - Ameaças, argumentos ou recusa em obedecer a um pedido legal.

3. *Resistência passiva* - peso morto, braços ligados, manifestação pacífica, etc.

4. *Resistência defensiva* - Ações físicas que impeçam o policial.

5. *Agressão ativa* - agressão real ao(s) policial(is) por meio de socos ou chutes.

6. *Ataque com força letal* - agressão ativa que coloca o(s) policial(is) em risco de morte ou lesão corporal grave. Inclui, mas não se limita a, assaltos com vários tipos de armas.

Níveis de Resposta

Os indivíduos geralmente não têm controle sobre as situações que podem enfrentar. No entanto, algum controle pode ocorrer exercendo um nível apropriado de resposta. Essas respostas incluem cinco opções de força distintas que estão disponíveis para todos os indivíduos; não apenas os policiais.

- *Presença*: A mera presença de um indivíduo pode alterar o comportamento dos participantes de uma briga, facilitando o controle.

- *Diálogo*: Habilidades de comunicação verbal e não verbal podem resolver o conflito e resultar em conformidade voluntária.

- *Mãos vazias*: Força física emitida para obter o controle.

- *Ferramentas de conformidade*: mãos vazias são insuficientes para obter controle e, como resultado, equipamentos ou armas devem ser usados.

- *Força letal*: A situação requer a incapacitação completa do alvo para obter o controle. Como resultado, a força letal é a única opção disponível para reduzir a ameaça letal.

Devido à seleção, treinamento e equipamento exclusivos associados à atividade policial, os policiais costumam ser colocados em posição de vantagem ao lidar com um confronto (J.I.B.C., 2004). Além disso, a polícia está autorizada a intervir e usar a força em primeira instância. Como resultado, incluídos nas cinco opções básicas de força, existem oito níveis de resposta de uso progressivo da força que estão disponíveis para a polícia na América do Norte.

1. Presença

2. Diálogo

3. Cumprimento com mão vazia

4. Espargidores lacrimogêneos

5. Impacto de mão vazia

6. Arma de impacto

7. Restrição lateral do pescoço

8. Força letal

Presença

Quando os participantes de qualquer evento reconhecem a presença de um policial, seu comportamento provavelmente será modificado até certo ponto. Se essa for a expectativa, a polícia deve tomar medidas preparatórias para garantir que sua presença influencie o comportamento na direção desejável. No mínimo, o policial individualmente deve estar ciente dos fatores individuais que podem influenciar a ação de um indivíduo, simplesmente pela mera presença da polícia. Essas influências incluem:

Modo de Chegada

A forma de chegada, como a viatura policial usada para atender a chamada. Por exemplo, se a polícia chegar em um furgão de transporte de prisioneiros, um distúrbio pode ser contido simplesmente com a chegada oportuna do furgão. Os infratores em potencial recebem um reforço visível de que a prisão e a detenção podem ser o resultado de seu comportamento.

Número de Policiais

Um indivíduo pode formar uma expectativa de ações policiais em potencial com base no número de policiais que respondem a essa situação. Para muitos indivíduos, isso indicará a severidade com que a polícia encara o indivíduo. Além disso, vários policiais desencorajarão qualquer indivíduo que possa estar considerando uma ação hostil contra a polícia.

Aparência física

Um indivíduo que está avaliando um adversário em potencial procurará indicadores visuais das habilidades de seu oponente. Isso é verdadeiro tanto para a polícia quanto para os indivíduos e pode ser mais complexo do que os fatores óbvios de altura, peso e idade.

Uniforme

Além da aparência física, estão os uniformes usados pelos policiais e, a maneira como os policiais os usam. Um indivíduo pode fazer suposições por meio de pistas visuais retiradas do uniforme.

Equipamento

O tipo de equipamento que um policial usa e a maneira como é usado podem enviar uma mensagem ao observador. Por exemplo, uma arma, bastão ou espargidor lacrimogêneo pode fornecer a expectativa razoável de que o policial é competente em seu uso.

Percepções de Indivíduo ou Departamento

Um indivíduo pode desenvolver preconceitos sobre o tratamento futuro com base em experiências anteriores com o policial individualmente ou com sua agência policial específica.

Comunicação Tática (Diálogo)

Uma vez que os policiais tenham feito contato com um incidente, sua presença começará imediatamente a alterar o curso dos acontecimentos. O diálogo se torna o próximo nível de resposta e o primeiro nível no qual a polícia pode interagir com o(s) indivíduo(s). O objetivo da comunicação tática é desarmar verbalmente e diminuir as emoções e ações dos indivíduos envolvidos no conflito.

Conformidade de mão vazia

Conforme declarado, quando a força física deve ser utilizada para obter o controle do indivíduo, os policiais são obrigados a usar os meios razoáveis menos violentos. O primeiro grupo de técnicas a serem aplicadas é frequentemente caracterizado pelo uso de roupas e/ou apetrecho corporal para facilitar as aplicações de força. Assim, o termo "complacência com as mãos vazias" serve para descrever uma série de técnicas treinadas. Quando uma técnica de complacência com as mãos vazias é usada, o controle pode ser estabelecido por uma variedade de meios que incluem manipulação de alavanca e articulação, arremessos e quedas, algemas e imobilizações.

Espargidores lacrimogêneos

Após o início do contato com o indivíduo, um policial pode razoavelmente acreditar que a obediência de mãos vazias se mostrará insuficiente para estabelecer o controle com segurança. Quando as técnicas de conformidade são julgadas inadequadas, os espargidores lacrimogêneos fornecem o próximo nível de resposta. Os dois aerossóis policiais mais amplamente usados são oleorresina de capsicum (OC) e CS: ortoclorobenzalmalonitrila (MACE).

OC é um extrato de resina da planta de pimenta caiena. Após aplicação em seres humanos e animais, o OC causa extrema irritação nas membranas mucosas. Os sintomas de irritação incluem lacrimejamento involuntário, fechamento da pálpebra, tosse, engasgo e falta de ar. As cobaias descrevem uma intensa queimação na pele e nas membranas mucosas dentro do nariz e da boca. Frequentemente, os sintomas, em combinação, se mostram tão graves que o indivíduo abandona a agressão ativa em favor da submissão (J.I.B.C., 1992; J.I.B.C., 2004).

É importante ressaltar que os efeitos fisiológicos do OC normalmente diminuirão dentro de uma hora, sem efeitos duradouros para o indivíduo. A recuperação de indivíduos contaminados pode ser auxiliada pela remoção para ar não contaminado e enxágue das áreas afetadas com água fria. MACE é menos amplamente usado porque o processo de descontaminação é mais longo e mais complexo.

Impacto de mão vazia

Impactos com a mão vazia podem ser descritos como qualquer técnica de ataque dinâmico em que o policial usa seu próprio corpo para desferir um golpe traumático no alvo. Isso inclui técnicas aplicadas pelos pés, joelhos, cotovelos, punhos e mãos abertas.

É importante ressaltar que quando um golpe é desferido, tanto o local alvo em questão e o sistema de aplicação do policial recebem uma quantidade igual de força. Portanto, o policial deve garantir que a "arma" de ataque escolhida possa resistir ao choque. Além disso, eles devem estar convencidos de que a área alvo sendo atingida causará distração, atordoamento ou disfunção suficiente ao indivíduo para que seja possível iniciar o controle (J.I.B.C., 1992; J.I.B.C., 2004).

Infelizmente, essa opção de força requer um grau relativamente alto de habilidade para atingir esses dois objetivos. Os policiais frequentemente recebem ferimentos ao usar uma técnica de golpe com as mãos vazias e, além disso, o indivíduo geralmente não é controlado imediatamente.

Armas de impacto

Quando um policial deve usar uma técnica de golpe para facilitar o controle, sua arma de impacto pode ser a resposta de escolha apropriada. Há uma variedade de armas de impacto disponíveis para policiais canadenses (J.I.B.C., 2004). No entanto, a maioria dos policiais recebe o bastão reto (padrão ou expansível), que está disponível em uma variedade de tamanhos. O bastão mais comum usado na patrulha de serviço geral é a versão de 21"-26".

Várias armas alternativas de impacto também estão disponíveis para a polícia. Isso inclui o bastão de alça lateral, bastões de "cetro" e *nunchakus*. Cada design de arma em particular tem vantagens e desvantagens exclusivas. É importante ressaltar que a arma de impacto deve ser capaz de ajudar o policial a desferir um golpe dinâmico no alvo.

Restrição Lateral do Pescoço

A restrição lateral do pescoço, também conhecida como restrição vascular do pescoço, não deve ser confundida com estrangulamentos, que são uma técnica totalmente separada. Os estrangulamentos respiratórios envolvem a constrição das vias aéreas que é comumente alcançada por meio de pressão direta na parte frontal da garganta do indivíduo. O controle é estabelecido por meio da complacência da dor e/ou inconsciência induzida por estrangulamento. Os perigos associados aos estrangulamentos desencorajam seu uso.

Muitas das técnicas utilizadas para realizar uma contenção lateral do pescoço foram adaptadas da arte do judô. Desde o início do judô em 1882, nunca houve uma morte causada pelo uso de técnicas de sustentação do pescoço (J.I.B.C., 1992; J.I.B.C., 2004). Infelizmente, o uso de alças de pescoço pela polícia foi associado a algumas mortes de indivíduos isolados. Como resultado, tem havido tentativas de classificar a contenção lateral do pescoço como um método de força letal.

É importante enfatizar que os policiais devem sempre considerar alternativas, dado o tempo e a distância necessários para fazê-lo. Tanto os espargidores lacrimogêneos quanto as armas de impacto fornecem uma vantagem de distância para o policial, enquanto a contenção lateral do pescoço requer agarramentos próximos (J.I.B.C., 1992; J.I.B.C., 2004). Isso raramente é desejável, mas em alguns casos é inevitável. Além disso, muitos fatores situacionais podem tornar os espargidores lacrimogêneos e armas de impacto indisponíveis ou impraticáveis. Nessas situações, a contenção lateral do pescoço pode ser a única técnica policial suficiente para obter o controle.

A contenção lateral do pescoço não deve ser usada como desculpa ou para subjugar um indivíduo que simplesmente não coopera. As seguintes diretrizes são recomendadas para seu uso:

- Um indivíduo violento deve ser controlado imediatamente
- Nenhum nível inferior de força seria apropriado na situação dada
- Não há razão para acreditar que a pessoa que está sendo controlada sofrerá lesões
- O policial foi treinado com competência em uma técnica aprovada.

É importante ressaltar que os cuidados de emergência e exames médicos são uma necessidade no caso de um processo de recuperação anormal.

Força Letal

Embora a força letal seja uma medida de último recurso, ainda é uma necessidade inevitável em certas circunstâncias. O uso de força letal pela polícia é mais comumente associado a armas de fogo. No entanto, certas aplicações de conformidade com as mãos vazias, impacto com as mãos vazias e armas de impacto também podem resultar em morte ou ocorrência de lesões corporais graves.

O treinamento da polícia com armas de fogo geralmente afirma que a arma de fogo é usada para incapacitar a ameaça imediata quando os meios menores são inadequados ou indisponíveis. Embora o disparo de uma arma de fogo para a massa central de um indivíduo possa resultar em sua morte, é importante enfatizar que esta não é a intenção específica da ação.

Em resumo, a abordagem das Opções de Força para o uso da força pela polícia é a base da maior parte do treinamento policial no Canadá e nos Estados Unidos da América (J.I.B.C., 1992; Johnston e McKay, 1996; J.I.B.C., 2004). Ele serve como um Modelo de Uso da Força, fornecendo uma abordagem positiva e profissional ao explicar como e por que a polícia usa a força em suas atividades diárias. Também fornece aos administradores da polícia e ao pessoal de revisão judicial uma estrutura objetiva na qual analisam as situações de uso da força.

É importante ressaltar que essa abordagem de Opções de Força fornece uma orientação prática para policiais veteranos e recrutas, independentemente de sua experiência. Para todo policial é fornecido com um modelo de trabalho que descreve

claramente o curso de ação a ser adotado em situações de uso de força. Também permite que os policiais expliquem, dentro de um formato aceito, como e por que a força foi aplicada no momento da contenda (J.I.B.C., 1992; Johnston e McKay, 1996; J.I.B.C., 2004).

O Uso de Opções de Força Menos Letais pela Polícia

As agências policiais também têm tentado buscar métodos alternativos para lidar com situações que têm potencial para o uso de força letal pela polícia. Um componente chave para limitar o uso de força letal pela polícia inclui o uso de armas menos letais. A este respeito, a seção 117.07 (1) do Código Penal do Canadá dispõe sobre a posse de armas proibidas ou restritas por policiais em exercício de suas funções.

Normalmente, os policiais utilizam armas menos letais que incluem espargidores lacrimogêneos como *spray* de pimenta, munições cinéticas como a arma *Arwen* e armas de choque elétrico como a *Taser*. Uma opção de força menos letal pode ser descrita como uma opção de força que é altamente improvável de causar a morte ou ferimentos graves a um indivíduo, quando devidamente aplicada pelo policial. No entanto, ainda é possível que ocorram ferimentos graves ou morte, daí o termo “menos letal” em oposição a “menos que letal” (B.C. Police Commission, 1990; J.I.B.C., 2004).

É importante enfatizar que na maioria dos casos, as opções de força menos letal não devem ser usadas por um policial que está enfrentando um agressor que faz com que o policial ou um membro do público esteja em perigo grave ou imediato. O raciocínio para isso é baseado na possibilidade real de que a opção menos letal possa falhar durante sua aplicação. Se a aplicação de força menos letal falhar, o policial, ou o(s) indivíduo(s) que o policial está tentando proteger, pode morrer ou sofrer lesões corporais graves pelo agressor.

Infelizmente, as opções de força menos letal são geralmente menos eficazes do que uma arma de serviço policial. As armas curtas tendem a ser mais confiáveis e eficazes na incapacitação imediata da ameaça percebida que o policial está enfrentando ou tentando eliminar. Além disso, a arma de serviço policial é normalmente mais precisa durante sua aplicação e também pode ser prontamente sacada e acionada com o mínimo de atraso. Esses fatores são significativos, uma vez que a maioria dos policiais estará exercendo força letal na tomada de decisões sob condições rápidas e estressantes.

Mesmo com essas advertências, é importante enfatizar que as ferramentas de conformidade menos letais fornecem ao policial opções adicionais de força. Essas opções podem facilitar a subjugação de indivíduos violentos de maneira segura, reduzindo assim a probabilidade de ferimentos à polícia, membros inocentes do público e aos próprios indivíduos.

O Processo de Tomada de Decisão na Implantação de Opções Menos Letais

O uso de armamento menos letal requer “discrissão fundamentada” por parte do policial, dependendo das circunstâncias específicas dos incidentes que estão enfrentando. A este respeito, os policiais de rua são frequentemente os primeiros a encontrarem indivíduos embriagados, doentes mentais, suicidas ou com tendência a comportamentos agressivos (Parent, 1996; Lord, 2004).

Não é incomum que esses indivíduos agressores possuam ou tenham acesso imediato a armas afiadas, instrumentos de impacto ou armas de fogo. Equipado com essas armas, o indivíduo pode tentar ferir a si mesmo, a membros inocentes do público ou ao(s) policial(is) respondedor(es). Cabe, portanto, a cada policial determinar se é apropriado utilizar o armamento menos letal à sua disposição imediata ou utilizar a arma de fogo padrão emitida para resolver a situação.

Em alguns casos, policiais de resposta a emergências especialmente treinados serão convocados para fornecer apoio ou assumir situações de policiamento de rua envolvendo indivíduos armados ou barricados (J.I.B.C., 2004). Nessas situações “não rotineiras”, o treinamento especializado, táticas e armamentos das unidades policiais de resposta a emergências serão implantados com o intuito de resolver o conflito.

O processo de tomada de decisão do policial na utilização de armamento menos letal envolverá normalmente uma série de variáveis que incluirão as características situacionais e comportamentais observadas do indivíduo com quem estão lidando. Como afirmado anteriormente, o policial que participa de qualquer situação normalmente encontrará comportamentos observados em perfis que incluem:

Conformidade (*Compliance*)

- Cooperativo e disposto. Responder e agir a pedido ou orientação de um policial.

Resistência passiva

- Não cumprimento de uma solicitação ou orientação legal de um policial.

Isso pode ocorrer por:

1. Desafio verbal,
2. Recusa em sair de cena, ou
3. Provocar o policial e tentar agravar a situação.

Resistência Ativa

- Aumento do escopo e intensidade da resistência,
- Afastando ou lotando o espaço em direção ao(s) policial(is),
- Desafios verbais com dicas não verbais de apoio (por exemplo, punhos cerrados), ou

- Resistência verbal com raiva.

Agressivo

- Resistência hostil ativa exibida. Isso inclui uma agressão ao policial ou, a ameaça de uma agressão, por exemplo, chutes, socos, cuspidas ou cabeçadas,
- Ameaçar com uma arma, ou
- Atirar objetos contra a polícia.

Dano Corporal Grave ou Morte

- Comportamento susceptível de causar lesões corporais graves ou morte por meio de:
 1. Atacar com uma faca ou outra arma mortal,
 2. Ameaçar com arma de fogo, ou
 3. Asfixia ou agressão até um nível de inconsciência (J.I.B.C., 2004).

Para conseguir o controle durante essas situações; o uso da força policial pode ditar o desdobramento de opções de força especializadas e menos letais que incluem agentes químicos, batidas de bastão, munição cinética ou *Taser*. Normalmente, o desdobramento de força especializada e menos letal ocorrerá apenas por policial de patrulha treinado e qualificado que tenha chegado à cena de um incidente e tenha sido designado como um policial de "cobertura" ou reserva para o policial inicial em cena.

Em alguns casos, o policial inicial solitário em uma cena pode decidir implantar uma opção de força menos letal, como *spray* de pimenta, um golpe de bastão ou uma *Taser*, a fim de resolver uma situação em que a resistência ativa ou comportamento agressivo está ocorrendo. No entanto, o treinamento da polícia nos Estados Unidos e Canadá enfatiza que o policial de patrulha operacional solitário deve esperar pelo "reforço" dos policiais secundários antes de contar com uma aplicação menos letal de força para resolver o conflito (J.I.B.C., 2004).

Em outros casos, as Equipes de Resposta a Emergências ou Unidades Táticas de Controle de Multidão serão convocadas a um local para lidar com um indivíduo que está armado e barricado ou, durante situações em que uma multidão indisciplinada ou motim se desenvolveu. Essas unidades altamente treinadas e especializadas são compostas por policiais que foram selecionados devido a fatores que incluem seu nível de aptidão física; estabilidade emocional; bem-estar psicológico; capacidade de funcionar em um ambiente de equipe especializado e, mais importante, sua capacidade de raciocinar e atuar sob condições adversas e perigosas (J.I.B.C., 2004).

Unidades Táticas de Controle de Multidão e Unidades de Resposta Tática

Perturbações, ou grande número de pessoas em áreas públicas, muitas vezes requerem a presença da polícia. O papel da polícia é garantir a segurança das pessoas presentes e garantir que as leis e a ordem civil sejam mantidas. Se um grupo de indivíduos se tornar indisciplinado ou turbulento, é responsabilidade da polícia assumir o controle e manter a ordem. Embora difícil e perigosa, a polícia tem a obrigação legal e profissional de intervir e controlar as situações que perturbam o público em geral.

No contexto de uma perturbação ou controle de multidão, o uso da força policial pode consistir em uma variedade de opções de força menos letais que são implantadas com o propósito específico de dispersar a multidão ou remover agitadores centrais. Em situações tumultuadas, o papel da polícia é suprimir o motim, estabelecer a ordem e, se possível, prender os principais desordeiros e infratores da lei.

No entanto, devido ao grande número de indivíduos que participam de uma perturbação, bem como à intensidade do comportamento violento, tanto individual quanto coletivamente, pode não ser possível para a polícia prender indivíduos específicos com segurança. No entanto, a polícia deve intervir, normalmente usando opções de força menos letais apropriadas para as ameaças e comportamentos demonstrados percebidos (Ijames, 1997).

Armas especializadas de controle de distúrbios fornecem ao policial as ferramentas de conformidade tática necessárias para o manejo bem-sucedido da violência em massa e reuniões ilegais. Sem essas armas, a polícia teria poucas opções para lidar com os principais indivíduos rebeldes e outros envolvidos em violência severa.

O Desdobramento de Armas e Táticas Especializadas

As armas e táticas especializadas utilizadas pelo policial frequentemente envolvem o emprego de agentes químicos. Esses agentes químicos incluem gás CN ou CS, bem como oleoresina de capsicum, também conhecido como “*spray* de pimenta”. A fumaça irritante resultante da implantação de agentes químicos normalmente influenciará um infrator da lei resistente a cumprir as ordens ou instruções da polícia (Ijames, 1997).

A dispersão tática desses vapores em uma situação barricada ou tumultuada é com a intenção específica de que ocorra um efeito incapacitante físico e psicológico. Em uma situação de barricada, a fumaça irritante pode servir como um catalisador para fazer com que um indivíduo se entregue rapidamente à polícia. Durante um motim, este efeito incapacitante pode servir para impedir que indivíduos se juntem ao motim ou para impedir que outros indivíduos continuem em comportamento ilegal.

O policial também pode lançar munição cinética, como *bean bag* [elastômero] ou bastões, durante situações que envolvem indivíduos que estão exibindo comportamento agressivo, estão barricados ou envolvidos em um motim. Nesses casos, o uso da força pela polícia tem o objetivo de incapacitar ou atordoar indivíduos específicos com o impacto físico. Combinado com este elemento físico está o efeito psicológico de ser baleado com uma arma de fogo policial.

Como uma arma de impacto, a munição cinética é geralmente segura e é considerada uma opção de força inferior do que o uso de uma restrição lateral do pescoço ou força mortal. Uma vez atingido por um *bean bag* ou bastão, um indivíduo agressor será normalmente subjugado, permitindo que o policial se aproxime com segurança do indivíduo e o coloque sob custódia.

Durante uma situação de tumulto ou multidão, o impacto psicológico de ser baleado por uma arma de fogo policial se estende além do indivíduo específico que foi baleado para incluir aqueles indivíduos que são testemunhas do uso de munição cinética por policiais.

Como tal, irritantes em aerossol e munição cinética servem tanto para aplicações de força de uso específico quanto geral durante as situações em que o pessoal da polícia tenta obter o controle de grupos de indivíduos. Nesses casos, o principal objetivo do uso da aplicação de força é encorajar agitadores-chave, bem como a multidão em geral, a cessar suas ações e a se dispersar.

O Lançador *Arwen* 37

Tanto para o policial de patrulha operacional quanto para as unidades táticas especializadas, o sistema de armas menos letal escolhido nos Estados Unidos e no Canadá tende a ser a arma de tiro único, que é recarregada toda vez que uma bala é disparada. Esta arma é barata e prontamente implantada, utilizando munição de grande calibre, como balas de *bean bag*. Uma característica importante deste sistema é a sua simplicidade, permitindo o uso generalizado pelo policial operacional no nível da rua, necessitando apenas de treinamento mínimo (Ijames, 1997).

Uma segunda arma, sistema conhecido como “canhões de tiro múltiplo”, são aquelas armas equipadas com uma câmara rotativa multi-cartucho ou alimentadas por um carregador. As armas de múltiplos tiros permitem confrontos em massa com uma alta taxa de tiro e, como resultado, são normalmente utilizadas por equipes de resposta a emergências treinadas especiais ou unidades de controle de multidões. As armas de múltiplos tiros permitem, adicionalmente, o uso de diversas munições, como agentes irritantes ou cartuchos.

É dentro desse grupo de armas menos letais que o “*Arwen* 37” de fabricação britânica serve como a arma de múltiplos tiros de escolha para muitas equipes especializadas de resposta de emergência da polícia (Hogg, 1996). Uma das características favoritas desta arma é sua capacidade de ser desdobrada de uma distância segura. Por exemplo, se um indivíduo estiver armado com uma faca, machado ou outra arma semelhante, o *Arwen* pode ser disparado a uma distância de aproximadamente trinta metros. Isso proporciona aos membros da equipe de resposta a emergências e outros indivíduos no local uma distância segura necessária.

O lançador *Arwen* 37 pode ser descrito como uma arma de cano e *rifle* de 37mm com um carregador rotativo de 5 tiros. É capaz de lançar com precisão projéteis menos letais que incluem bastões cilíndricos de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e granadas de choque. As diversas aplicações da munição *Arwen* 37 que podem ser implantadas pelo policial incluem:

- *Munição de bastão de energia cinética AR-1*: Um bastão de longo alcance menos letal que pode viajar a 250 pés por segundo com um alcance efetivo de 20 a 100 metros.

- *Fumaça irritante de múltiplas origens AR-2*: Uma lata de quatro fumos, gás CS. Ao ser lançada, a munição permanece intacta por um segundo em voo (50 - 60 metros) e depois explode, espalhando o conteúdo das vasilhas.

- *Bastão irritante para nariz esmagador AR-3*: Como o bastão de energia cinética AR-1, fornece um golpe menos letal, mas, além disso, desembolsa dois gramas de irritante em pó CS micronizado ou um corante (para identificação do alvo).

- *AR-4 Multisource Screening Smoke*: Como o AR-2, quatro latas de fumaça podem ser implantadas em várias cores ao invés do agente químico irritante - CS.

A arma *Arwen 37* é muito precisa em comparação com outras armas semelhantes. Além disso, o carregador rotativo da *Arwen* oferece a capacidade de segundos disparos se o primeiro falhar ou for ineficaz. Finalmente, a munição de bastão do *Arwen* é de letalidade relativamente baixa e geralmente causa apenas hematomas com fraturas ocasionais (Hogg, 1996).

A Taser

A *Taser* é essencialmente uma arma de mão, eletrônica, imobilizadora menos letal que funciona descarregando duas sondas elétricas de um cartucho substituível na roupa ou na pele do indivíduo. Essas sondas são conectadas ao *Taser* por fio isolado de alta tensão. Uma vez que o contato é feito entre as sondas e o alvo, a *Taser* então transmite poderosos impulsos elétricos ao longo dos fios, penetrando até 2" de roupa no alvo (*Taser*, 2000).

A corrente elétrica pulsante de 50.000 volts e 5 watts é direcionada através do corpo do indivíduo, causando espasmos musculares involuntários e uma grave perda do controle motor fino. Como resultado, o receptor normalmente desmaia e cai no chão ou congela no lugar. Este efeito durará cerca de 5 segundos, permitindo uma intervenção policial segura para a remoção de armas e controle de algemas (*Taser*, 2000).

Ao contrário do *spray* de pimenta e outros irritantes químicos que devem ser aplicados nas proximidades do indivíduo, a *Taser* é normalmente implantado a uma distância de 15 pés a um máximo de 21 pés (*Taser*, 2000). O Departamento de Polícia de Victoria na Colúmbia Britânica foi uma das primeiras agências policiais do Canadá a adotar a nova tecnologia do EMD - M26 *Taser* durante o outono de 1998.

É importante ressaltar que a tecnologia *Taser* pode ser extremamente eficaz quando aplicada de forma adequada, já que não depende da complacência com a dor, como muitas outras formas de armamento menos letal. Além disso, a "ameaça" de implantação da *Taser* normalmente terá um efeito de conformidade psicológica sobre o receptor pretendido, já que a maioria das pessoas não gosta da ideia de ser atingida por 50.000 volts de eletricidade!

A ativação e a mera visão do ponto de laser aparecendo na área do peito do indivíduo às vezes convencerá o indivíduo a se render ou a cumprir as ordens dos policiais. Exclusivo para a *Taser* é o fato de que muitos indivíduos obedecem aos comandos da polícia em vez de enfrentar um aplicativo *Taser*. Estudos de pesquisa demonstraram que não há efeitos de longo prazo das ondas *Taser*. A *Taser* não impede o funcionamento dos músculos respiratórios nem causa uma parada cardíaca (*Taser*, 2000).

Finalmente, uma das outras características positivas da *Taser* é sua capacidade de ser discretamente carregada pelo policial dentro do bolso da calça do uniforme típico emitido pela polícia. Semelhante ao *spray* de pimenta e ao bastão dobrável, essas opções de força menos letal permitem que o policial de rua operacional carregue a arma quando atender qualquer chamada de serviço, sem levantar o alarme ou a suspeita dos indivíduos com quem estão lidando (JIBC, 2004). À medida que a chamada para o serviço ou situação se desenvolve, o policial pode então decidir se é apropriado ou não utilizar a arma menos letal que possui em sua posse imediata.

É importante ressaltar que muitas armas menos letais são grandes e pesadas, frequentemente exigindo uma abordagem de “equipe” por policiais que estão totalmente preparados com antecedência para usar a tecnologia. Além disso, o policial normalmente requer treinamento especializado na utilização de armas menos letais, como o *Arwen*, e, portanto, tende a fazer parte de uma equipe tática especializada.

Esta situação muitas vezes limita o uso do armamento menos letal, pois a “equipe especializada” deve ser chamada ou redirecionada para a situação que o policial de patrulha operacional está enfrentando. Isso normalmente resulta em um atraso significativo antes que a implantação real possa ocorrer.

Os Riscos Associados ao Uso de Armas Menos Letais

Como acontece com qualquer “arma”, sempre existe o risco de causar a morte. Acredita-se que *bean bag* e outras armas de impacto menos letais sejam responsáveis pela morte de pelo menos 12 indivíduos no Canadá e nos Estados Unidos durante os últimos 10 anos (Blue Line, 2002). Muitos outros indivíduos sofreram ferimentos graves, incluindo ossos partidos, lesões cerebrais, braços danificados e globos oculares feridos.

Em alguns casos, a arma menos letal nunca penetrará na pele, mas mesmo assim ocorrerá a morte. Um desses casos é exemplificado em 1994, quando um indivíduo foi morto no Texas após ser atingido na garganta por uma *bean bag* (Ottawa Citizen, 1997). Em outro caso, um indivíduo foi morto por uma bala *bean bag* após ser atingido no peito. A munição não penetrante impactou o esterno do receptor, resultando em uma arritmia cardíaca fatal. Em dois outros casos, pessoas morreram após serem atingidas no peito por um projétil disparado de uma *Arwen*. O impacto em ambos os casos fraturou as costelas, resultando em hemorragia interna e morte (Ijames, 1997: 12).

Idealmente, a arma menos letal incapacitará a ameaça percebida para o policial enquanto inflige apenas hematomas leves. Nesse sentido, os fabricantes de

armamentos menos letais afirmam que seus produtos são precisos, seguros e eficazes, se usados de maneira adequada. Isso incluiria disparar a arma a uma distância apropriada e segura, bem como fazer o projétil menos letal atingir a parte apropriada do corpo humano. No entanto, ao contrário dos “testes de laboratório”, o policial muitas vezes utiliza armamento menos letal em circunstâncias menos do que o ideal, enfrentando uma variedade de problemas que incluem estresse, clima e fadiga humana.

Por exemplo, a tradicional munição *bean bag* “quadrado” consistia em um saco do tamanho de um saquinho de chá cheio de chumbo. A dificuldade em disparar a munição é que não há garantia de que a munição do *bean bag* acertará o alvo pretendido na velocidade correta e com o posicionamento correto. Em alguns casos, o *bean bag* quadrado não se desenrola da maneira correta após o disparo. Isso fez com que o *bean bag* atingisse os indivíduos de uma maneira que pode causar lesões corporais graves ou até a morte.

Caso # 1 - Morte por *Bean Bag*¹

Em um caso do leste do Canadá, a polícia foi chamada a um complexo de apartamentos no início de 1997 para lidar com um distúrbio. Após a chegada da polícia, eles localizaram um indivíduo nu de 34 anos em seu apartamento de um quarto, gritando loucamente e agitando uma faca ensanguentada. O indivíduo cortou os pulsos e cortou o pênis com uma faca de cozinha em uma bizarra tentativa de suicídio. O homem estava se comportando de maneira irracional e ignorando os comandos da polícia, recusando-se a soltar a faca enquanto sangrava profusamente.

Uma unidade tática altamente treinada chegou ao local e tentou negociar com o indivíduo, mas sem sucesso. Quando o indivíduo tentou se machucar ainda mais, o policial decidiu atirar no homem com uma espingarda de *bean bag*. Como resultado, uma munição *bean bag* foi disparada, atingindo o homem no peito logo acima do coração. O impacto da munição *bean bag* o fez desabar no chão, onde a equipe médica levou o indivíduo ao hospital.

Infelizmente, logo após chegar ao hospital, o indivíduo morreu. Devido às lesões autoinfligidas e ao sangramento grave resultante, a equipe médica listou a causa da morte como suicídio. No dia seguinte, foi realizada uma autópsia para verificar a causa da morte. Surpreendentemente, a autópsia revelou que o indivíduo morreu quando a *bean bag* de 42 gramas penetrou a pele e se incorporou ao peito do homem. Uma cavidade do tamanho de um punho foi descoberta onde a munição *Bean bag* havia impactado acima da área do coração.

Uma investigação subsequente sobre por que a morte ocorreu especulou-se que a *bean bag* nunca se desenrolou após ser disparada da espingarda do policial. Como resultado, a *bean bag* pode ter atingido o indivíduo como uma “ponta de flecha”, causando sua morte. Não se sabe por que isso ocorreu. No entanto, acredita-se que

¹ É um tipo de munição menos letal disparada por espingardas em calibre 12 gauge, similar a uma minúscula “bolsa/saco de feijão” que, ao ser disparada, se expande aumentando a área de contato no alvo.

a polícia tenha agido adequadamente nas circunstâncias. Eles dispararam a *bean bag* a uma distância segura e, de acordo com as especificações do fabricante, impactaram a área do peito com o máximo efeito.

Caso # 2 - Lesões graves por Lançador *Arwen*²

Em junho de 1994, houve um tumulto no centro de uma grande cidade do oeste do Canadá. Como resultado, uma unidade de controle de multidões foi despachada para o local equipada com uma variedade de armas menos que letais. O objetivo da unidade de controle de multidões era identificar os principais agitadores e instigadores do tumulto, confrontando-os para que eles se dispersassem por meio de táticas que incluíam a implantação de projéteis de gás e *Arwen*.

Quando a unidade de controle de multidões começou a confrontar membros do tumulto, um indivíduo específico chamou a atenção imediata da unidade. Esse indivíduo não deixaria o tumulto e, em vez disso, confrontou e provocou a polícia. O indivíduo estava na frente da multidão agindo como líder, jogando paus na polícia e depois uma garrafa de líquido. Ele então adotou uma postura de luta e exibiu uma grande chave de fenda para a polícia.

Como resultado do comportamento agressivo exibido, foi tomada a decisão de disparar um projétil de *Arwen* contra o indivíduo, para que ele cessasse sua agressão e se dispersasse da cena. Ao ser atingido pelas costas pelo projétil, o indivíduo deixou sua posição e ficou à margem do tumulto.

Em vez de deixar o local, o indivíduo voltou às linhas de frente do tumulto, cerca de 20 minutos depois que o projétil da polícia de *Arwen* o atingiu.

Novamente, esse mesmo indivíduo confrontou a unidade de controle de multidões da polícia de maneira agressiva com sua chave de fenda. Ele começou a xingar e insultar a polícia levantando a camisa e mostrando as costas machucadas, dizendo à polícia atirá-lo novamente. O indivíduo começou a dançar na rua, balançando e tecendo em uma aparente tentativa de evitar o atirador de *Arwen* da unidade de controle de multidões. Mais uma vez, foi tomada a decisão de disparar um projétil de *Arwen* contra o indivíduo para que ele deixasse a área. Mais uma vez, o policial apontou para a área de massa corporal central dele, disparou sua arma de *Arwen* no agitador. No entanto, durante essa ocorrência, o indivíduo se agachou repentinamente quando viu o policial disparar sua munição de *Arwen*. Como resultado, o projétil de *Arwen* atingiu a cabeça do indivíduo, causando ferimentos graves.

Posteriormente, o manifestante processou a polícia usando fundos de assistência jurídica, enquanto cumpria sua sentença na prisão. Inicialmente, os tribunais decidiram que o departamento de polícia foi negligente na aplicação da arma menos que letal, concedendo ao demandante US\$ 25.000,00 pelos ferimentos que ele recebeu como resultado da arma. No entanto, os recursos judiciais subsequentes

² O **ARWEN** é um lançador não letal que dispara munições não letais de 37mm (espuma ou lacrimogênea) projetadas para controle de tumultos. Tem um carregador giratório com capacidade para 5 munições. "ARWEN" é um acrônimo para "Anti Riot Weapon ENfield" (Arma Anti-Tumulto Enfield). Enfield é uma empresa de armas britânica.

rejeitaram a sentença, afirmando que a polícia agiu apropriadamente na implantação da arma menos que letal, nas circunstâncias. (Berntt v. Cidade de Vancouver, 1997; Berntt v. Cidade de Vancouver et al., 2001).

Caso # 3 - A Arma de Fogo da Polícia como Força Menos Letal

Finalmente, em outro incidente, a polícia utilizou sua arma de fogo como um meio de força menos letal durante um assalto malfeito que evoluiu para um aparente incidente de suicídio. Nesse caso, no oeste do Canadá, a polícia foi alertada sobre um assalto à banco que acabara de ocorrer. Um homem de 22 anos, funcionário de um banco, havia praticado um assalto bizarro em seu local de trabalho. O indivíduo, empregado como caixa, acendeu um fósforo no depósito do banco na hora do fechamento, como uma distração para os funcionários. Quando colegas de trabalho se reuniram na área de armazenamento para apagar o incêndio, o culpado empurrou seus colegas de caixa para fora do caminho enquanto pegava uma grande parcela de dinheiro. Ele então colocou o dinheiro em uma mochila e saiu correndo pela porta do banco, fugindo a pé

Outro funcionário observou as ações de seu colega de trabalho e o perseguiu na rua. Eventualmente, o funcionário localizou e encurralou o colega que fugia na rua. Quando o funcionário se aproximou do culpado, o indivíduo enfiou a mão no bolso e abriu uma faca de caça dizendo: "Eu vou me matar". Ao ver a faca e ouvir o que ele disse, o funcionário do banco perseguidor recuou, seguindo o culpado a uma distância segura, enquanto descia a rua em direção a uma área de *shopping*. Em um ponto durante a perseguição, o culpado parou, ajoelhou-se e tirou a camisa. Ele então começou a infligir feridas na área do peito e pescoço com a faca.

Enquanto isso acontecia, as unidades policiais estavam respondendo ao chamado. O policial de atendimento inicial chegou ao local e saiu da viatura. Ao ver a viatura, o indivíduo se ajoelhou e tirou a camisa ensanguentada enquanto segurava a faca na mão direita. Em resposta, o policial ordenou que o indivíduo "abaixasse a faca". Em vez de obedecer aos comandos do policial, o indivíduo começou a esfaqueá-lo mais uma vez na área do pescoço e do peito com sua faca dizendo "Vamos lá, vamos lá" para o policial. Enquanto o policial observava, o sangue espirrou e rapidamente fluiu da área do pescoço do indivíduo até a cintura.

O policial, temendo que o indivíduo acabasse se matando, disparou uma munição de sua pistola institucional, atingindo-o na área do braço direito. Ao ser atingido pela munição, o indivíduo caiu no chão. O policial então removeu a faca do indivíduo e aplicou os primeiros socorros em suas feridas até a chegada dos serviços de emergência médica. Enquanto estava deitado no chão, o indivíduo ferido se virou para o policial e declarou: "Deixe-me morrer."

O indivíduo foi então transportado para um hospital onde ficou sabendo que ele havia sofrido seis facadas no peito e três no pescoço. Uma ferida era profunda e penetrara em seu pulmão. Além disso, o indivíduo foi tratado por uma única ferida de bala no braço. Mais tarde, sua condição foi estabilizada e uma avaliação psiquiátrica foi solicitada.

Ao explicar suas ações, o policial declarou mais tarde: “Eu tive que atirar nele. Ele estava cortando seu corpo e garganta, o sangue jorrando e eu tive que detê-lo. Ele ia se matar. Eu aponte para o ombro dele.”

Resumo

Em resumo, embora *bean bags* e outras armas menos letais gerem controvérsia, é importante enfatizar que essas armas salvaram dezenas de vidas desde seu início no policiamento urbano na década de 1960. Os policiais receberam tecnologia que lhes permitiu intervir em situações potencialmente perigosas sem colocar suas vidas em perigo imediato, reduzindo assim os ferimentos e mortes na polícia. Além disso, os indivíduos foram subjugados e presos sem serem baleados pela arma padrão emitida pela polícia, evitando assim ferimentos graves e morte.

O Futuro da Tecnologia Menos Letal

Como resultado dos problemas associados às munições de *bean bag* quadrado, muitas agências policiais no Canadá e nos Estados Unidos adotaram a munição *bean bag* “super meia”. Ao contrário das bordas afiadas e quadradas da munição *bean bag*, a super meia lembra uma meia cheia de chumbo. Quando implantado em condições ideais, é projetada para eliminar as consequências trágicas associadas ao *bean bag*. No entanto, mesmo com esse novo estilo, três pessoas foram mortas durante um período de dois anos (Blue Line, 2002).

Outras opções incluem a “goo” ou pistola pegajosa, que é basicamente um sistema de entrega de espuma pegajosa que é implantada para colar uma pessoa no local. No entanto, há muitos problemas com esta opção, pois é difícil de implantar e depois limpar e o problema de contaminação pela substância “gosma” que agora deve ser removida para o transporte do indivíduo até a delegacia.

O Pentágono dos EUA é um dos locais onde pesquisas estão sendo conduzidas com o objetivo de fornecer opções menos letais às forças armadas dos EUA (Grossman, 2002). Embora a maior parte dessa tecnologia esteja em estágio de desenvolvimento, ela é um indicador das opções que podem estar disponíveis para as agências policiais norte-americanas em um futuro próximo. A tecnologia menos letal do futuro inclui:

- *Teias e redes [Webs and Nets]*: a tecnologia de ponta nesta área inclui uma rede Kevlar de 3 metros de largura conhecida como “Webshot”. A rede é embalada em um cartucho e disparada de uma espingarda especial que permite a desativação e captura de um indivíduo. A rede pode ser lançada de modo a enredar os alvos a uma distância de até 9 metros.

- *Malodorantes [Malodorants]*: cheiros formulados que são tão repelentes que farão com que o indivíduo saia rapidamente da área em que o cheiro foi implantado. Os cientistas testaram a eficácia de odores que incluem vômito, cabelo queimado, esgoto, carne apodrecendo e uma mistura potente conhecida eufemisticamente como “U.S. Malodores de banheiro padrão do governo.” Esses odores podem ser utilizados pela polícia como uma arma menos letal em áreas residenciais onde um indivíduo se

barricou ou em espaços públicos onde manifestantes ou indivíduos rebeldes se reuniram.

- *Material Antitração [Anti-traction Material]:* Um gel antitração pulverizável permite a implantação desta tecnologia na superfície de um objeto tornando-o escorregadio ao contato humano. Se pulverizado em uma superfície de piso, torna-se virtualmente impossível para um indivíduo andar ao ser descrito como "escorregadio como rolamentos de esferas líquidos". Se borrifado na maçaneta da porta, torna-se muito escorregadio para virar. Este produto atóxico e biodegradável tem uma eficácia de 12 horas e pode ser utilizado por policiais na apreensão de um indivíduo em fuga ou na contenção de um indivíduo até que seja apreendido.

- *Projéteis ajustáveis [Tuneable Projectiles]:* Incluem balas mais macias e mais planas que podem ser "ajustadas" pelo policial na rua, dependendo da situação que estão enfrentando. Essa tecnologia permitiria a "discagem" do poder de penetração de modo que a bala disparada da arma de fogo do policial pudesse ser ajustada para um impacto mais forte ou mais suave.

- *Armamento de energia direcionada:* inclui tecnologia que permite que um feixe de energia de micro-ondas bem focalizado "aqueça rapidamente" um indivíduo à distância. Embora os feixes de energia direcionados não queimam a carne e sejam considerados inofensivos, eles criam uma sensação de queimação insuportavelmente dolorosa para o indivíduo sobre quem são implantados. Como as armas de fogo e outras armas menos letais atuais, o feixe de energia direcionado permitiria mais opções ao policial em campo.

- *Projéteis de energia pulsada [Pulsed Energy Projectiles]:* um pouco semelhante à "arma de raios" de ficção científica, esta tecnologia superaquece a umidade da superfície ao redor de um alvo tão rápido que ele literalmente explode, produzindo um flash de luz brilhante e um estrondo alto. O efeito é como uma granada de atordoamento incapacitante; no entanto, ao contrário de uma granada de atordoamento, projéteis de energia de pulso podem ser implantados de uma distância segura e viajar na velocidade da luz com extrema precisão. Além disso, o desenvolvimento nesta área inclui um dispositivo do tamanho de uma lanterna que transmite uma poderosa corrente elétrica ao longo de um feixe de luz ultravioleta. Semelhante à *Taser*, esta corrente elétrica pode ser implantada em um alvo humano, fazendo com que ele seja desativado. No entanto, ao contrário da *Taser* com fio com seu alcance máximo de cerca de 20 pés, esta corrente de energia de pulso seria "sem fio" com um alcance efetivo de cerca de 2 quilômetros.

- *Drogas armadas [Weaponized Drugs]:* Esta tecnologia permitiria o uso de antidepressivos, opiáceos e outras "drogas de clube" que poderiam ser administradas a indivíduos ou grupos por policiais com o objetivo de controlar o comportamento irracional ou multidões indisciplinadas.

No entanto, os críticos da nova tecnologia que está sendo pioneira pelos militares dos EUA são rápidos em notar que algumas das pesquisas atuais em tecnologia menos letal são ilegais segundo o direito internacional. Além disso, ativistas de direitos humanos acrescentam que essa tecnologia recém-descoberta também

apresenta caminhos para o uso indevido e o abuso por aqueles que estão no poder. “Castigo de rua” e até tortura são possíveis. Embora esses produtos estejam atualmente em desenvolvimento para fins militares, eles podem eventualmente chegar às mãos do policial em breve, de alguma forma ou forma (Grossman, 2002).

Infelizmente, a atual gama de armas menos letais disponíveis para muitos policiais operacionais na América do Norte é frequentemente limitada. Existe uma grande variedade de armamento não letal atualmente disponível que precisa ser fornecido como "equipamento padrão" a todo o policial da linha de frente, independentemente do tamanho do Departamento. Essas opções de força menos letais precisam se tornar um padrão aceito no policiamento para que a profissão avance para um nível aceitável.

Além disso, as opções de contenção, recuo ou “retirada tática” também devem ser incluídas na resposta policial. Se possível, os policiais devem se distanciar fisicamente de indivíduos que buscam forçar um homicídio precipitado pela vítima. Uma retirada tática da polícia pode servir para neutralizar as ações e intenções do indivíduo suicida. Também pode permitir que a polícia formule um plano de ação que envolverá uma resposta calculada com força menos letal. É importante ressaltar que essas opções de força menos letal proporcionam lesões menos graves ao indivíduo, ao público e aos policiais.

Resumo

Neste capítulo, as teorias e estudos empíricos em torno do uso policial da força letal e da força potencialmente letal foram analisadas e discutidas. Ao longo dessas várias explicações, fica claro que nenhuma teoria serve para explicar por que ocorre o uso de força letal pela polícia. Em muitos casos, as forças organizacionais, psicológicas e sociológicas se combinam para influenciar e dirigir o policial individualmente no emprego da força letal. Esses mesmos fatores psicológicos e sociológicos podem igualmente influenciar e dirigir o papel da vítima, levando à sua morte em um encontro de força letal. Dentro dessa estrutura, o policial tem uma variedade de opções de força que podem incluir uma infinidade de armas e táticas menos letais.

O capítulo a seguir trata dos métodos usados para examinar os casos que envolvem o uso de força letal pela polícia no Canadá e em áreas selecionadas nos Estados Unidos. Em relação ao Canadá, esse tema nunca foi exaustivamente estudado. Há uma necessidade óbvia de abordar a questão do uso de força letal pela polícia de uma perspectiva canadense. Praticamente toda a pesquisa e literatura sobre o assunto do uso de força letal pela polícia derivou de estudos nos Estados Unidos da América.

Várias questões fundamentais precisam ser abordadas dentro desta estrutura. Em primeiro lugar, é necessário estabelecer a extensão do uso de força letal e potencial letal pela polícia no Canadá. Especificamente, qual a prevalência dos tiroteios policiais no Canadá? Quais são as circunstâncias e dinâmicas que cercam esses incidentes e um tanto controversos? Como as várias perspectivas teóricas e

estudos empíricos que foram discutidos neste capítulo se aplicam aos tiroteios policiais no Canadá?

Além disso, é necessário refletir sobre os tiroteios policiais nos Estados Unidos da América. Qual a prevalência dos tiroteios policiais nos EUA? Quais são as circunstâncias e dinâmicas que cercam o uso de força letal pela polícia nos Estados Unidos da América? Existem diferenças entre as duas nações ao examinar as características de um tiroteio policial?

Nesse contexto, é fundamental que o papel de vítima seja incluído. Até que ponto a participação da vítima neste processo de interação levou à sua morte? Existe uma relação entre a precipitação da vítima e o uso de força letal pela polícia no Canadá e nos Estados Unidos? E quanto à questão do suicídio precipitado pela vítima, às vezes conhecido como “*suicide by cop*.”

É significativo que, mesmo nos Estados Unidos da América, existem poucas pesquisas sobre a dinâmica desse tópico. A maior parte das pesquisas nos Estados Unidos ocorreu recentemente e, dentro de parâmetros limitados. Esse fenômeno ocorreu em tiroteios policiais canadenses e, em caso afirmativo, em que grau. A este respeito, como as duas nações se comparam? Essas são as questões centrais em torno das quais gira esta dissertação.

Fonte: PARENT, Richard Brian. **Aspects of Police Use of Deadly Force in North America:** The phenomenon of victim-precipitated homicide. Julho 2004. p. 78-145. Disponível em: <<https://www.publicsafety.gc.ca/lbrr/archives/cnmcs-plcng/cn34724-eng.pdf>>. Traduzido por Onivan Elias de Oliveira – Ten Cel PMPB.